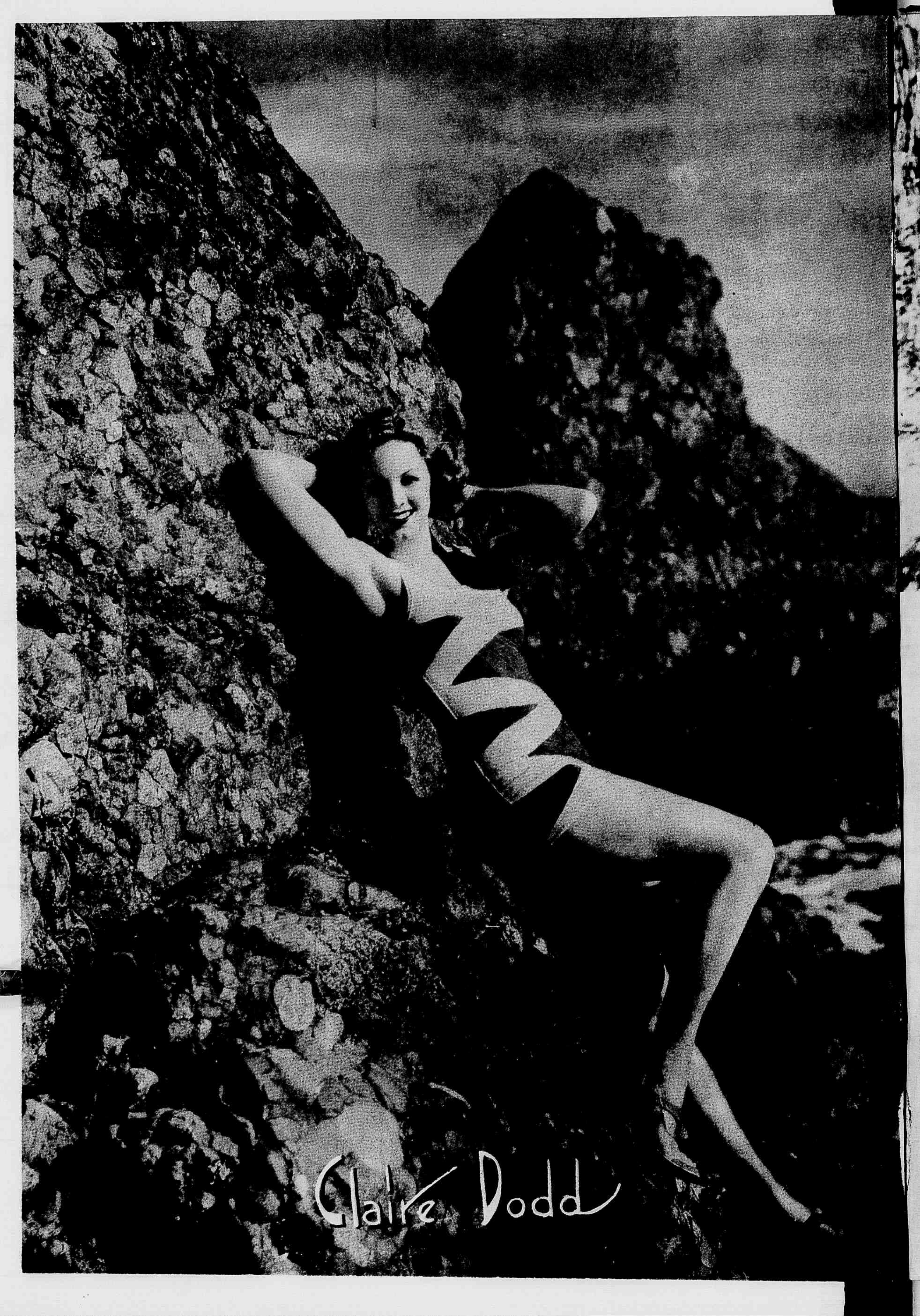
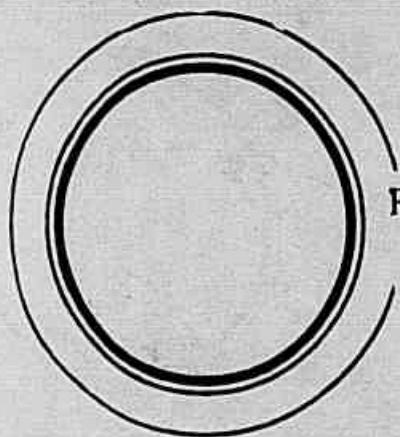
FRANCES DEE
ANNO VIII N. 358
RIO DE JANEIRO, 4 DE JANEIRO DE 1933
Preço para todo o Brasil 1$500
CINEARTE

Claire Dodd

Maria, o teu nome principia...

ORA até que afinal foi convocado o Convenio Cinematographico que o Decreto creador da censura federal determinara se reunisse seis mezes depois de publicado e circumstancias varias fizeram aprazar para este mez.

As instrucções baixadas pelo Dr. Ministro da Educação dispõem o seguinte:

Art. 1.° — O Convenio Cinematographico Educativo realizar-se-á na Capital da Republica nos dias 3, 4 e 5 de Janeiro de 1933.

Art. 2.° — Tomarão parte no Convenio:

a) — O representante do Governo Federal.

b) — Os membros da Commissão de Censura Cinematographica do Ministerio da Educação.

c) — Os delegados dos Interventores.

d) — Os industriaes de Cinematographia e os professores e educadores que se inscreverem.

Art. 3.° — A presidencia das reuniões do Convenio Cinematographico Educativo será exercida pelo representante do Governo Federal.

Art. 4.° — O presidente designará o secretario do Convenio e demais funccionarios.

Art. 5.° — As despesas serão custeadas pela Taxa Cinematographica para a Educação Popular.

Art. 6.° — Só serão discutidas no Convenio as suggestões e propostas entregues por escripto ao presidente até tres dias antes da sessão inaugural.

Art. 7.° — As propostas depois de discutidas e votadas nas sessões do Convenio serão coordenadas por uma commissão eleita na ultima sessão.

Art. 8.° — As propostas apresentadas ao Convenio deverão versar sobre os seguintes assumptos:

I — A instituição permanente de um cine-jornal com versões tanto sonoras como silenciosas, filmado em todo Brasil e com motivos brasileiros e de reportagem em numero sufficiente, para a inclusão quinzenal de cada numero, na programmação dos exhibidores.

II — A instituição permanente de espectaculos infantis de finalidade educativa, quinzenaes nos cinemas publicos, em horas diversas das sessões populares.

III — Incentivos e facilidades economicas ás empresas nacionaes productoras de Films e aos distribuidores e exhibidores de Films em geral:

IV — Apoio ao Cinema escolar.

Art. 9.° — Além dos assumptos mencionados no art. 8.°, será objecto do Convenio promover a execução do art. 12.° do decreto n.° 21.240, e estudar quaesquer propostas apresentadas nos termos do art. 6.° e referentes ao alludido decreto.

Art. 10.° — Terminados os trabalhos o presidente levará ao conhecimento do Ministro os resultados a que se tiver chegado.

As pessoas interessadas em tomar parte no Convenio Cinematographico Educativo, poderão inscrever-se desde já na Directoria de Informações, Estatistica e Divulgação do Ministerio da Educação.

As propostas a serem discutidas no Convenio poderão ser desde já enviadas á mesma directoria.

Nada sabemos das sugestões que foram apresentadas. Naturalmente poucas appareceram dignas de comsideração e estima.

O meio Cinematographico, nós já diversas vezes temos feito observar, é pouco propicio a iniciativas. Em sua maioria os que o compõem não estudam os problemas relativos á Cinematographia, limitando-se a colher os frutos da sua exploração commercial.

A nossa industria é incipiente ainda e depois suas actividades muito esparsas pela immensa vastidão do nosso territorio.

Não permittirá isso uma união de vistas, uma communhão de idéas, uma cooperação de esforços em prol do desenvolvimento da industria e defesa dos seus interesses, reclamando com mais vigor os favores a que faz jus e não podem ser regateados, por isso que é a propria administração do paiz a principal interessada no apparelhamento efficaz desse formidavel instrumento de propaganda que é o Film.

As instrucções alludem a um cine-jornal "com versões tanto sonoras como silenciosas filmado em todo o Brasil e com motivos brasileiros e de reportagem em numero sufficiente para a inclusão quinzenal de cada numero na programmação dos exhibidores."

Os apparelhos de apanhamento de vistas são varios entre nós; mais espalhados são apenas os de dimensões reduzidas, pelliculas de 16 mm, improprias para as projecções nos Cinemas. E apenas nos estamos referindo aos destinados ao Film mudo. — Quanto aos outros para a realização de versões sonoras esses então só agora estão chegando ao nosso paiz.

O Cine-jornal será pois de execução grandemente precaria. Aliás toda gente sabe que um Cine-jornal é no estrangeiro feito com retalhos de fitas, reportagem Cinematographica que afflue de toda a parte, realizada por pessoas que a isso se dedicam e adquiridos pelas empresas productoras. E' possivel entre nós esse serviço de reportagem?

Sabemos de profissionaes nossos que tentaram por diversas vezes vender **scenas Filmadas** a empresas estrangeiras, da Europa e Norte America.

Todos viram mallograda a sua iniciativa por via das distancias e orientação dos productore

De 200 metros enviados era acceito muita vez apenas a extensão de 20 metros. A paga desses 20 metros era absorvida pelas despesas da remessa postal, ida e volta.

Sem garantia da acceitação do seu trabalho, ninguem quererá fazer semelhante trabalho. Só com muito trabalho poder-se-á mais tarde conseguir alguma cousa e assim mesmo...

Os espectaculos infantis deveriam ser custeados pela taxa Cinematographica de sorte a possibilitar o comparecimento de todas as creanças, sem excepções odiosas a essas exhibições de caracter educativo.

Assim a taxa sobre as entradas de Cinema, cobrada pela Prefeitura deveria ser destinada exclusivamente á manutenção do Cinema escolar.

Mas... parece que nós queremos fazer sugestões e não é esse absolutamente nosso proposito. Desejamos apenas que não seja um congresso rhetorico o Convenio, delle brotando para a Cinematographia nacional toda sorte de vantagens.

SOB o titulo "A exhibição de Films nas escolas municipaes", um jornal carioca noticiou o seguinte:

— "A Directoria Geral de Instrucção Publica, em 15 de Outubro findo, baixou um edital prohibitivo da exhibição de Films nas escolas, sem prévia censura do departamento que menciona, declarando: "Desejando esta Directoria controlar, nas escolas, o emprego do Cinema, que deve ter sempre finalidade educativa, mesmo quando recreativo, recommendo não ser exhibido para as creanças nenhum Film, sem approvação prévia desta Directoria Geral, por intermedio do Serviço de Obras Sociaes a que está affecto o Cinema Escolar", etc., etc.

—oOo—

DOS JORNAES:

"Films scientificos na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria

Por iniciativa do Sr. João Brito Jorge, 1º Secretario do Directorio Academico da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria e por especial concessão do distribuidor da União Film serão exhibidos na téla da sala de projecções da referida Escola, todos os Films nacionaes e estrangeiros sobre Agricultura de propriedade daquella Empresa.

E' francamente merecedora de elogios a adopção de tal medida e de toda a orientação que vise a propaganda da Agricultura em nosso paiz, porquanto com a repercussão de taes demonstrações crear-se-á o estimulo da nossa mocidade pelas promissoras e patrioticas finalidades da intensificação productiva, desconhecida de grande parte dos estudantes brasileiros.

Devendo ser inaugurada a primeira projecção com dois excellentes Films. Amanhã segunda-feira, ás 16 horas."

—oOo—

15 de Dezembro, fez annos o gerente da agencia da Metro Goldwyn, Samuel Mazza.

Aos leitores de Cinearte

"CINEARTE" PASSARÁ A SAHIR QUINZENALMENTE, AUGMENTADO, MELHORADO E PELO PREÇO DE **DOIS MIL RÉIS**

O PROXIMO NUMERO SAHIRÁ NO DIA 15 DE JANEIRO.

22 Cinemas possue a capital de Pernambuco. São os seguintes os Cinemas recifenses: GLORIA, S. JOSÉ, PARQUE, MODERNO, ROYAL, POLYTHEAMA, ESPINHEIRENSE, ENCRUZILHADA, PINA, CENTRAL, REAL, OLINDA, S. JOÃO, CASA FORTE, IDEAL, HIGH-LIFE, CORDEIRO, ELITE, SANTO AMARO, CAXANGÁ, S. MIGUEL e PAZ.

———

A 17 de Dezembro, passou o 23 anniversario do Colyseu, de Porto Alegre.

———

O Cine-Theatro Avenida, da Empresa Cine-Theatro Avenida Ltda., de Porto Alegre, deixou de ser exhibidor exclusivo dos Films da United, ficando, porém, como o exhibidor em primeira mão, naquella capital, dos Films da Fox.

———

O Cinema Palacio, de Porto Alegre, tambem acaba de commemorar o seu 12 anniversario.

———

A Companhia Brasileira de Cinemas vae mudar a orientação relativa ao Gloria, que deixará de ser Cinema de réprises como tem sido ultimamente. De Março em deante, o Gloria será o exhibidor da United Artists.

O Imperio, cujo contracto com a Paramount está a findar-se, consta que passará á cathegoria do Gloria actual.

O Odeon ficará com a Warner Bros., a First National e a Ufa.

O Palacio continuará como exhibidor da M.G.M..

———

Consta que os Films da Paramount serão exhibidos agora no Broadway. Pelo menos "Ama-me esta noite" e "Rainha e martyr", da Radio, já estão programmados para esse Cinema.

———

Lily Pons, a celebre soprano que ha pouco esteve em Hollywood, foi afinal contractada pela Metro-Goldwyn e fará varios Films.

———

A agencia United-Artists vae distribuir os Films inglezes da British.

—oOo—

COMMISSÃO DE CENSURA CINEMATOGRAPHICA

Relação dos Films examinados de 12 á 17 de Dezembro de 1932.

Jornal Universal nº 86 — Universal Pictures Corporation U.S.A. — Certif. 632 — Approvado.

O Cine Gloria da Empresa Cine Mineira Limitada de Bello Horizonte

Quasi cachorro — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Certif. nº 633 — Approvado.

A casa sinistra — Universal Pictures Corporation U.S.A. — Certif. nº 634 — Improprio para menores, senhorinhas e creanças — Approvado.

Paris eu te amo — Trailer — Studios Paramount — Joinville — França — Certif. nº 635 — Approvado.

Pic-Nic — Desenho animado — Columbia Pictures U.S.A. — Certif. nº 636 — Approvado.

Os bandeirantes — Desenho animado — Columbia Pictures U.S.A. — Certif. nº 637 — Approvado.

Inverno — Desenho animado — Columbia Pictures U.S.A. — Certif. nº 638 — Approvado.

Ou vae ou racha — Desenho animado — Columbia Pictures U.S.A. — Certif. nº 639 — Approvado.

Melodia dos pampas — Pittaluga — Certif. nº 640 — Approvado.

Principe dos aguias — Radio Pictures U.S.A. — Certif. nº 641 — Approvado.

Hollywood — Drama — R.K.O. Pathé — U.S.A. — Certif. nº 642 — Improprio para menores — Approvado.

Trilhos da morte — 7º e 8º episodios — Universal Pictures Corporation U.S.A. — Certif nº 643 — Approvado.

Cadete de honra — Universal Pictures Corporation U.S.A. — Certif. nº 644 — Approvado.

Rainha e martyr — Drama — R.K.O. Pathé U.S.A. — Certif. nº 645 — Improprio para creanças — Approvado.

Piratas a solta — Trailer — Fox Film Corporation U.S.A. — Certif. nº 646 — Approvado.

Jornal Fox Movietone nº 4x49 — Fox Film Corporation U.S.A. — Certif. nº 647 — Approvado.

Valente como trinta — Trailer — First National Pictures Inc. U.S.A. — Certif. nº 648 — Approvado.

Não ha mais amor — Trailer — Universum Film — Ufa — Berlim — Allemanha — Certif. nº 649 — Improprio para menores — Approvado.

Não ha mais amor — Comedia — Universum Film — Ufa — Berlim — Allemanha — Certif. nº 650 — Improprio para menores — Approvado.

Pathé Jornal nº 7 — Pathé Natan — Paris — Certif. 651 — Approvado.

Pathé Jornal nº 8 — Pathé Natan — Paris — Certif. nº 652 — Approvado.

Pathé Jornal nº 9 — Pathé Natan — Paris — Certif. nº 653 — Approvado.

Pathé Jornal nº 10 — Pathé Natan — Paris — Certif. nº 654 — Approvado.

Pathé Jornal nº 11 — Pathé Natan — Paris — Certif. nº 655 — Film educativo.

O sonho — Pathé Natan — Paris — Certif. nº 656 — Approvado.

Surprezas convencionaes — Trailer — First National Pictures Inc. U.S.A. — Certif. nº 657 — Approvado.

(Termina no fim do numero).

Cinema Brasileiro

SCENAS DE "ONDE A TERRA ACABA", DE CARMEN SANTOS

CARMEN, CELSO MONTENEGRO E FRANCISCO BEVILAQUA.

JEFF Keane, senador ou simples advogado, pae de uma pequena adoravel, homem de cerebro e coração. Tudo isso e talvez ainda mais, nada mais era do que um ser humano sujeito ás trapaças da vida e ás armadilhas do destino

Deu-se isso quando elle encontrou deante de si a figura loira, meiga, perigosa, perfumada e fina de Consuelo Fairbanks. Sentiu nos olhos vertigem. No sangue um remoçamento desusado. Na alma um inspiração desconhecida. O primeiro olhar daquella mulher empolgou-o. Os outros dominaram-no.

E seus costumes se foram transformando...

Elle viera de uma cidade modesta. Fizera-se senador á custa de golpes audaciosos e empolgantes. E em Washington, acompanhado pela filha, fazia successo pela sua attitude sempre desassombrada deante dos problemas realmente vitaes para a nação.

Mas um dia...

Um dia encontrou Consuelo. E ella o arrebatou. Uma filha com vinte annos. Viuvez incolor. Apenas trabalho e mais trabalho. Tudo isso embrutecera-lhe a alma. Aquella mulher moça despertou na sua velhice precoce a saudade da mocidade. E elle amou. O moço é sovina no seu affecto. O homem maduro é prodigo. E Jeff Keane amou immensamente. Havia um sabôr differente nos labios daquella mulher. Seu perfume era differente. Tocava Chopin magistralmente e umas canções hungaras que elle ouvia sorvendo pelos nervos a sensação de ser outro. Quando deu accordo de si tinha Consuelo para sempre ligada a si pelo casamento. Ruth soffria com isso. Mas Ruth era filha e que vale uma filha deante de um pae embutido num affecto violento e extremado?...

Consuelo manejou-o a seu contento. Fel-o escravo. A paga eram beijos quentes, carinhos até ali desconhecidos do provinciano. Até o dia em que Brenner voltou da Europa.

Enri Brenner. Vinte e alguns annos. Elegancia requintada. Educação cheia de Dekobra, Pittigrilli e outros... Ex-amante de Consuelo. Voltava de sua Paris mais parisiense do que nunca. Mais ardente, ousado e impetuoso tambem.

E a vida de Jeff Keane foi descendo, descendo, descendo...

Começaram as deshonestidades no cargo. Consuelo precisava dinheiro. Ella e Brenner. As despezas eram tantas!...

E o dinheiro normal não bastava. Mas vieram as propinas. E o caracter de Jeff Keane foi escorregando pelo limo daquella paixão insensata.

Ruth via. Queixava-se a Babcock e Hodge, seus amigos. Para que?...

E Consuelo, illudindo Jeff com alguns carinhos, conseguia o que queria.

Um dia Ruth achou que era demais.

— Papae, hoje ou amanhã saberá. Pela intriga, pelo anonymato. De qualquer fórma! E' bom que saiba agora mesmo...

Jeff olhou-a. Era outro homem. As palavras da filha para elle não tinham mais o significado de outróra.

A filha tinha razão...

— Consuelo engana-o.
Um riso ironico respondeu ao apello da filha.

O HOMEM

(THE WASHINGTON MASQUERADE)

— FILM DA M.G.M. —

Lionel Barrymore	*Jeff Keane*
Karen Morley	*Consuelo Fairbanks*
Nils Asther	*Brenner*
Diane Sinclair	*Ruth Keane*
William Collier Sr.	*Babcock*
Rafaela Ottiano	*Mona*
Henry Koiker	*Stapleton*

Director: — CHARLES J. BRABIN

— Engana-o, meu pae! Juro-lhe!...

Enri Brenner é seu amante.

— Só porque elle é moço, conhecem-se e ella me tem por marido: — um pouco menos do que velho?...

Houve ironia á vontade na phrase.

— Não, meu pae. Porque eu sei.

— Ruth, menina de pouca idade... Nem casada! Afaste de sua innocencia tanta malicia... Quer que eu me zangue?

Em seu rosto havia mais amargura do que colera. Sinceramente não cria na menor daquellas palavras. Ruth retrahiu-se.

E dali para deante o assumpto não voltou.

Um dia... Sempre ha "um dia" na vida dos casaes assim.

Um dia Jeff encontrou os labios de Consuelo contando intimidades aos de Brenner num beijo immenso. Era o flagrante, logar commum de toda "tragedia passional"...

Dahi para deante elle viveu pouco. Ruth não o podia consolar. Seu caracter ruira. E quando um homem sente a falta desse amparo intimo...

Mas não houve tiros, nem mortes, nem manchetes em jornaes de escandalo. Processou-se tudo suavemente como se fosse o Nocturno mais bonito de Chopin que Consuelo tocava tão bem em noites de luar, luzes apagadas...

E elle voltou ao senado. Não para continuar a burla. Mas para resgatar pela Patria seus erros. Expoz bandalheiras. Crimes. Roubos. Apontou vicios e autores. Citou gen-

PODEROSO

te. Abriu cortinas pesadas com uma simples phrase...

E quando terminou o discurso, tombou numa syncope. Era o fim...

De Jeff Keane restava apenas uma gran de saudade que brilhava nas lagrimas graudas dos olhos tristes da filha moça, solteira e orphã...

NOTICIAS:

"Baby Face" será um dos novos Films de Barbara Stanwyck, para a Warner.

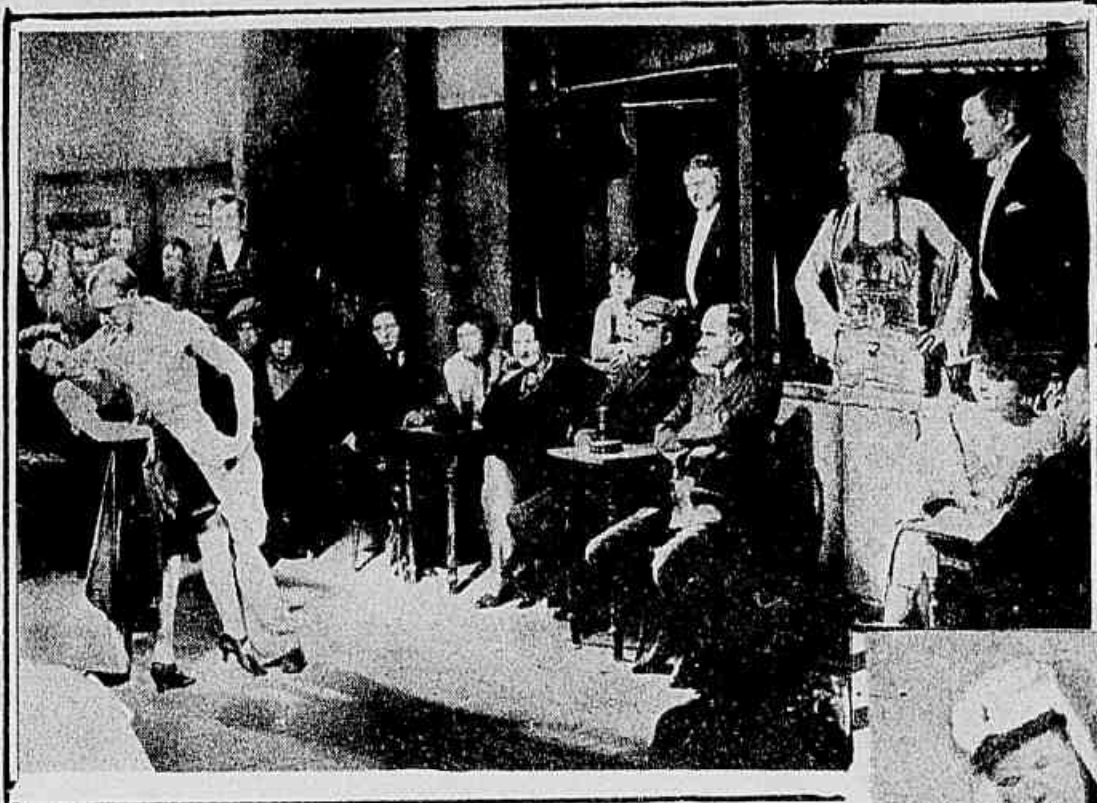
:-: Fify D'Orsay tambem apparece em "The Sucker", de Douglas Fairbanks Junior, para a Warner. Loretta Young é a "leading - woman".

:-: John Boles é o galã de Nancy Carroll em "Child of Manhattan", da Columbia. Neil Hamilton tambem figura.

:-: *The Match King*, Film da Warner que acaba de ser visto em *preview* e que foi muito bem recebido pela critica de Hollywood, tem Warren William e Lily Damita nos papeis principaes. Elle interpreta á figura de Kreuger, o famoso magnata suéco, cujo suicidio empolgou o mundo, Lily Damita encarna a figura de uma artista, que, segundo dizem, é Greta Garbo! No Film, Lily é dada como allemã... mas os seus modos, seus gestos, sua propria caracterização será reconhecida pelos *fans*. Ella interpreta a famosa "estrella" suéca, que, conforme os jornaes publicaram, tinha parte da sua fortuna envolvida em acções das companhias de Kreuger.

E, com certeza — aqui está um Film já disposto a enthusiasmar os *fans* e despertar-lhes curiosidade!

E um amor da edade perigosa é um caso sério...

A tela em revista

"O TIGRE"

"BEAU GENIO"

BEAU GENIO (Beau Hunks) — Film da M. G. M. — Producção de 1932.

As comedias de longa metragem dos comediantes de metragem curta, geralmente são enfadonhas. XADREZ PR'A DOIS, dos mesmos Stan Laurel e Oliver Hardy foi um exemplo. Era longa e aborrecida. Mas BEAU GENIO salva-se. Tem, nelle, duas historias totalmente distinctas. A primeira é optima. A segunda tem aqui e ali bons momentos, mas é muito mais fraca. Visivelmente encaixada para dar a metragem. Mas a primeira parte é tão boa, que não dá uma folga ao riso da platéa. E' uma gargalhada só. Os motivos são todos de primeira e irresistiveis.

O inicio do Film é maluco! Cousas impagaveis. Na calma os dois vão fazendo proezas indescriptiveis onde a cretinice é exactamente o lado comico. Avolumam-se as sequencias sem a gente sentir. Só aquelle despertar de Stan e aquella telephonada já são gargalhadas umas sobre as outras. Oliver Hardy, aliás, está ficando o melhor da dupla. Stan repete-se um pouco. Mas apesar disso tambem está estupendo. A sua burrice attinge a cumulos ainda ineditos neste Film! O final da primeira phase do Film é gosadissimo.

A segunda phase bole com BEAU GESTE. Mas é uma cousa apenas feliz em certos trechos, quando podia ser optima. Aquelle negocio do pé de Stan que Oliver acaricia pensando ser o seu, por exemplo, é o motivo mais gosado desse episodio do Film se bem que já bem conhecido. O motivo das photographias de Jeanie Winnie é tambem engraçado. Mas mais para observar do que para rir.

Tambem no programma um esplendido desenho da Perereca, MARCANDO GOAL e uma comedia de Charlie Chase, TENHO MEDO DAS MULHERES (Girl Grief), que vale seu peso em gargalhadas.

No Film de Oliver e Stan quasi só elles apparecem. Blanche Payson faz uma ponta e Charles Middleton outra.

Cotação: — BOM.

PARAMOUNT EM GRANDE GALA (Paramount on Parade) — Film da Paramount. Producção de 1931.

Agora a versão original desta revista que a Paramount fez quando era moda o genero. Aqui vimos, na época, a edição hespanhola. Esta repete varios "sketches", mas em compensação tem outros desconhecidos ainda do nosso publico.

Cotação: — BOM.

O TIGRE (Der Tiger) — Ufa. — Producção de 1930. — (Prog. Art).

Um dos primeiros trabalhos de Charlotte Susa para a Ufa e ella agora está na M. G. M...

Film policial e de mysterio, mostrando que em Berlim como Hollywood em Films deste genero, o detective tem que ler o scenario para descobrir a solução do mysterio...

Além da direcção acceitavel de Johannes Meyer e da optima photographia de Carl Hoffman, o Film tem alguma cousa boa mas outras sem interesse.

E mais alguns defeitos: ambientes, typos, detalhes, etc.

Mas em conjuncto, O TIGRE é bom e interessa pelo seu "mysterio"...

Charlotte Susa faz jus ao contracto que a levou para Hollywood. Além de linda e elegante, é uma "tinta" de colorido invulgar. Harry Frank é um bom typo. Trude Berliner apparece como bailarina. Hertha Von Walther, Max Wilmsen, Max Maximilian, Henry Pleb e outras figuras sem graça completam o elenco.

Cotação: — BOM.

NÃO HA MAIS AMOR (Nie Wieder Liebe) — Ufa-Producção de 1931. — (Prog. Art.)

Mais uma comedia allemã. Não é má e como diversão, embora nada tenha de notavel. Não aborrece. Nada mais é do que um Filmsinho divertido, com musica agradavel e a figurinha de Lilian Harvey para contrabalançar certos trechos monotonos.

A direcção de Anatol Litwak tem alguns bons momentos mas podia ser melhor. O argumento, da peça "Douver-Calais", prestava-se para ser mais aproveitado.

O Film é um tanto despido de "it", salvo — é logico! — Lilian Harvey que é o seu maior interesse e está cheia de vivacidade e encanto. Mas Harry Liedtke como galã, não convence nem agrada... Os outros são: Rina Marsa, Felix Bressart — exaggerado — Margo Lion, Oscar Marion e mais um grupo de personagens sem photogenia e interesse, com nomes complicados...

Cotação: — REGULAR.

IDYLIO NA FRONTEIRA (The Gay Caballero) — Fox. — Producção de 1932.

Outro romance na fronteira mexicana, com mais um bandoleiro e um pouco de aventura, para aproveitar montagens do "Romance do Rio Grande"...

E' um Film agradavel, não se levando a serio e desculpando os convencionalismos Cinematographicos que aqui não são poucos. Não falta nem a classica correria no final, para salvar a heroina das mãos do villão e outros ingredientes assim, do mais vulgar Film de "cow-boy"...

George O'Brien pouco tem a fazer, salvo uma optima lucta com o villão. Mas está no seu genero e bem. Desta vez é elle o companheiro de Victor Mac Laglen, que apparece aqui num papel differente do que costuma fazer. Conchita Montenegro exuberante de encanto e personalidade, é a "señorita" mexicana mas sua parte é ingrata. Weldon Heyburn faz um antipathico villão mexicanisado. Linda Watkins só está no Film para fornecer outro romance (aliás fraco) mas continúa sem "it"...

Juan Torena, C. Henry Gordon, Willard Robertson, Agostino Borgato, e Martin Carralaga, figuram. A direcção de Alfred Werker é desinteressante.

Um Film sem grandes predicados e que só se baseia num elenco de nomes populares... mas o idylio entre os heróes é bom.

Cotação: — REGULAR.

PIRATAS A' SOLTA (Cheaters at Play) — Film da Fox. — Producção de 1932.

E' uma historia, imaginem, do "Lobo Solitario". Mas, acalmem-se! Não é Bert Lytell, não. E' Thomas Meighan substituindo-o...

Mas o tratamento do scenarista Malcolm Stuart Boylan ao argumento de Louis Joseph Vance é acceitavel e a direcção de Hamilton Mac Fadden, que hoje está dirigindo Tom Mix, consegue dar um equilibrio acceitavel ao Film. Vê-se.

Thomas Meighan e a dentadura postiça fazem lembrar aquelles tempos do passado em que A HOMICIDA foi um Film que fez a Cidade toda procurar o mesmo Cinema. Elle é sympathico e é capaz de ainda ter um ou outro "fan". Principalmente senhoras. Para os outros Barbara Weeks serve e Charlotte Greenwood distráe. William Bakewell tambem figura e elle tem seus admiradores.

No elenco, ainda, Ralph Morgan, Linda Watkins, William Pawley e James Kirkwood.

Cotação: — REGULAR.

O TROVÃO DE DEUS (Thunder God) — Crescent. —

Ainda historia de campos de córtes de madeira e um Film velhissimo da Crescent, silencioso, só agora exhibido no Rio...

Lila Lee, Cornelius Keefe, Walter Long, Ray Hallor, Jules Cowles e Helen Lynch, são os matadores.

Direcção de Charles J. Hunt.

Cotação: — FRACO.

LONDRES EM REVISTA (British International) — (Programma Serrador).

Uma "revista" ingleza... Não é preciso dizer mais nada e o Film brasileiro "Cousas nossas", neste caso, no genero, é superproducção.

Cotação: — FRACO.

NOCTURNO SINISTRO (The Mystery Train) — Standard. — Producção de 1931 (Programma V. R. de Castro).

Marceline Day, Bryant Washburn, Nick Stuart, Hedda Hopper, são os principaes.

Direcção de Phil Whitman.

Cotação: — REGULAR.

TESHA (Tesha) — British Internacional. — (Programma Serrador).

Film inglez sem nenhum attractivo, ainda silencioso, e á moda dos antigos Films europeus. Maria Corda e Jameson Thomas são os principaes.

Cotação: — FRACO.

O FAVORITO DOS DEUSES (Der liebling der Gotter). — Ufa — (Programma Art).

Não foi á tôa que as criticas das revistas européas não elogiaram este Film.

E' o mais fraco de todos os Films de Emil Jannings.

Desta vez elle apparece na pelle de um cantor de opera e como tal, mais theatral do que nunca. Bem pensado, o seu trabalho é até muito bom...

Renate Müller é muito interessante e Wladimir Solokoff, Ed. Von Winterstein, Oscar Simi e outros, completam o elenco.

Um chronista de um jornal carioca observou que as scenas passadas em Buenos Aires eram todas muito certas, com dialogos em castelhano etc. e que os productores allemães não são tão ignorantes como os americanos. Sim, mas a respeito do Brasil fazem "Der Weg Nach Rio" e "Das Gelbe Haus"...

Cotação: FRACO.

(Continuação do numero passado)

Sam Wood e uma multidão de gente estavam no palco. Camera-men, assistentes, outros dansarinos, outros candidatos ao mesmo papel que me queriam dar. Eu cheguei com este meu modo de sempre. Olhei para aquella multidão, falei com Ukekele e Sammy Lee e depois perguntei por que havia tanta gente. "Estão aqui para ver o seu numero — vão presenciar o seu ensaio!" disseram-me.

"Ensaio? Quem disse que eu vou ensaiar deante desta gente toda? Vocês não me mandaram chamar? Não foi porque sabiam que eu posso dansar — ou pescaram o meu nome no livro do telephone? Foi para tentar ou para gosar um espectaculo de graça? Não, senhor, não ensaio nem dou "chás de caridade"... Commigo é ali — ou **sim** ou **não** — nada de experiencias. Eu posso ganhar dinheiro em qualquer logar e não vim pedir nenhum favor... Vocês é que me chamaram!" Deixei o Studio e não voltei mais lá. Talvez seja genio, mácreação — mas é o meu modo. Não trabalho de graça para ninguem!" continúa elle, falando dos seus primeiros dias.

Não acham interessante o modo de George Raft? Eu estava satisfeito com a sua conversa, elle fala de tanta coisa, fornece tantos motivos para uma entrevista e a sua palestra é tão cheia de bom humor que as horas passam ligeiras ao seu lado.

Elle fala naturalmente, mas emprega muitos termos de giria — tal qual elle falou em **Scarface.** Elle mesmo me disse, referindo-se ao meu inglez — "Você fala melhor do que eu... Eu não falo inglez — e sim **slang** de New York!" Imaginem que elogio!

George Raft é moreno. O clima da California e a vida mais regrada que elle leva, actualmente, em virtude do seu contracto e do seu horario no Studio, fizeram desapparecer a côr pallida que elle offerecia, logo que voltou de New York.

Tem olhos castanhos, cabellos pretos e os usa, sempre penteados com extremo cuidado. E' de estatura mediana, mas usa saltos bem altos em seus sapatos, afim de não parecer mais baixo.

Fala e gesticula bastante. Differe, portanto, de muitos outros americanos e talvez os gestos que faz, elle os tenha herdado de seus paes, ambos europeus. George Raft descende de allemães e italianos, dahi o seu typo latino.

Eu tinha lido que George havia sido amigo de Valentino e abordei o assumpto. "Nada disso é verdade. Conheci, realmente, Valentino quando elle dansava em New York, muitos annos passados, mas o nosso conhecimento nunca chegou a ser intimo, nem elle nunca me convidou para seu double em Films. Eu não sou nenhum Valentino... nem o quero imitar. Tudo isso são tolices que dizem por ahi — eu sou e quero ser eu mesmo!"

A nossa palestra, agora, tinha cortado os mares e estava — **over there** — como na phrase da canção celebre dos tempos da Guerra.

"Estive em Londres, dansando e tive a honra de ensinar uns passos de tango, ao principe de Galles. Delle recebi uma cigarreira de ouro que guardo com cuidado. De Londres, estive em Paris...

"Que tal? Gostou?

"Gostei?... Gostei?... Paris quasi **me matou**"... diz elle, com um suspiro na voz.

Por esta phrase, meus leitores, vocês podem conhecer outra faceta de espirito de George Raft. O homem que tem saudades de Paris e diz que quasi **morreu** lá — é alguem que saque viver e comprehender a vida! E viva Paris!

Elle fala contra Hollywood, mas de um modo explicavel.

"Aqui pouco se vive. Não ha quasi logares para se divertir. Não posso acostumar-me de todo a esta vida. Eu não sei dormir antes da madrugada... e não comprehendo uma cidade onde, aos domingos, é prohibido dansar! Hollywood, sendo uma cidade de artistas e estrellas, é entretanto um logar de relativa calma. A vida nocturna não se pode comparar com a de New York e outros centros mundanos. O trabalho, muito cedo, nos Studios, obriga os cabarets a cerrar suas portas muito antes do leiteiro despertar e iniciar o seu trabalho... Ora, George Raft, acostumado a ir para a cama, depois de ler o jornal das sete horas... não póde deixar de sentir a differença em sua vida e o novo plano de actividade que foi obrigado a tomar...

Elle é **da noite!** Não gosta muito de sol... por isso Hollywood não lhe dá o mesmo prazer, a mesma alegria que a sua New York querida, onde elle nasceu e se creou, lhe déra, no passado!

"Os dirigentes dos Studios", me diz elle, "deviam mandar seus artistas, cada seis mezes a New York. A mudança, a vida de lá — aquelle mundo admiravel de alegria e prazer, seria o tonico mais admiravel para os nervos cançados por tanto trabalho e tanta monotonia. Eu já fui lá este anno. Seis semanas, apenas e assim mesmo serviram para me dar um banho de vida nova... Trabalhei, entretanto, no Paramount Theatro, em conjuncto com a exhibição de **Scarface.**.

Fui muito bem recebido pela cidade querida — ninguem me esqueceu e... (aqui entre nós) — dormi nessas seis semanas "apenas algumas horas...!

"Este meu novo contracto é bom, esplendido mesmo. Mas, sinceramente, prefiro a liberdade. Se pudesse, viveria apenas num logar, uma semana — dois dias ou algumas horas. Sempre viajei. Sempre fui livre — para ir onde quero, visitar os logares que gosto ou onde ainda não estivera antes... Sou vagabundo por instincto, cigano, verdadeiro judeu errante... Já estive em quasi todos os estados americanos — vivi no Sul... Nova Orleans! **Hot town,** murmura elle — e lá voltava elle a empregar o seu **slang** delicioso, pittoresco, interessante! Eu que tambem passara por Nova Orleans pude bem comprehender o significado das sua palavras e qualificativo que elle empregou para ella. Agora, a nossa entrevista voltava, novamente para Hollywood Estavamos, mais uma vez, dentro dos muros do Studio da Paramount. Falavamos do seu ultimo Film, que eu havia visto.

na vespera, em **preview** num convite gentil do Studio. O trabalho de George Raft é esplendido — elle disse que gostou muito desse papel. Sentiu-o e quando vocês virem essa producção hão de comprehender por que George Raft tanto gostou da sua parte. Ella lembra o seu tempo em New York — a sua vida de cabarets — aquelle typo do Film é, realmente, o George Raft de annos passados...

Elle é um sportman consummado. Gosta de box e rara é a semana a que não assiste aos combates.

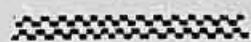
Dizem que muda de amores como de camisa... apaixona-se por cada nova companheira de trabalho... mas isso são boatos, apenas!

Elle me fala da maneira por que estuda seus papeis. "Leio, de noite, as linhas do meu dialogo que devo dizer no dia seguinte. Mas, sinceramente, não as procuro decorar. Penso no caracter, procuro viver essa parte, sentir o que, acho, elle deveria sentir nesta ou naquella situação. Eu não sou nenhum escriptor nem litterato, mas, muitas vezes, corrijo linhas de dialogos nos meus papeis.

Não é por pretenção — mas ha certos typos que eu conheço bem, convivi com elles e sei, portanto, a linguagem que usam. Um typo póde escrever com brilho e elegancia, mas na vida pratica fala a linguagem commum de todos os dias. A **giria**, cada vez, se infiltra mais nas palestras e por isso quando é preciso eu digo novas linhas, dialogos que acho seriam falados pelo caracter que estou vivendo deante da camera", termina elle.

Póde parecer pelo seu modo de falar e algumas de suas attitudes que George Raft é um sujeito mal educado. Não o é, entretanto. Elle tem genio, ou melhor, viveu tanto, viu a vida tão de perto, que não se deixa levar na onda... Elle é esperto, a experiencia que adquiriu nestes annos, lidando com toda a sorte de gente lhe ensinou muito e muito. Elle tanto sabe dirigir-se á dama mais fina como falar com o pirata mais ordinario — e para ambos sabe empregar dois **inglez** differentes!

Elle é, realmente, o homem do mundo — experimentado, vivido, com pratica da vida e de suas situações perigosas. Elle mesmo me disse — "Tenho me visto mettido em cada embrulhada... em cada situação terrivel..." E eu imaginei logo casos de amor, aventuras audaciosas em que elle andou envolvido — ou, quem sabe, entre dois fogos, no meio de quadrilheiros sinistros!

E — caros leitores — este é George Raft — o famoso companheiro de Paul Muni em **Scarface** e aquelle que cahe da janella em **Dansando no Escuro,** Film da Paramount, tambem exhibido ha pouco. E aquelle conquistador importuno de Mae Clark, no **Mundo Nocturno.** Um dos ultimos **Cinearte** publicou uma pagina sobre elle. George a viu e disse-me — "**Swell!** Posso ficar com ella? E' a primeira coisa que publicam no estrangeiro sobre a minha **humilde** pessoa..." termina elle com um ar de malicia em seus olhos... Gostei de George Raft — e vocês todos vão gostar ainda mais, depois que o virem em **Night After Night** — um Film esplendido...

THIS SPORTING AGE — (Columbia) — Emocionante jogo de polo com Jack Holt, Hardie Albrght e Walter Byron nos primeiros papeis. Jack tem um papel optimo. Walter é o convincente villão. Hardie e Evalyn Knapp fornecem o elemento amoroso igualmente bom. Directores, A. Bennisson e A. F. Erickson.

ooooOoboo

HIDDEN GOLD — (Universal) — Film de emoções com Tom Mix. Elle é falsamente accusado de roubo. Salvam-no Judith Barrie, a pequena e o seu fiel Tony. Para quem gosta do genero, um bom Film. Director Ray Taylor.

MITZI
GREEN
GOOD-BYE,
GIRL...
GOOD-BYE,
GIRL...
COLLEEN MOORE.
JULIETTE
COMPTON.
BARBARA
STANWYCK.

Pequena entrevista com BEATRIZ COSTA

(De J. Alves da Cunha, correspondente de "Cinearte")

BEATRIZ COSTA quando sahiu do Porto, ha uns oito annos, não era mais do que uma coristasinha perdida no vasto numero dessas figurantes do theatro. E' natural que a sua graça attrahisse um ou outro espectador dos que buscam sempre mais além dos primeiros papeis, os que sobresahem com vocação e geito na arte. E' natural, repito-o, mas a verdade é que Beatriz um dia desappareceu e ninguem mais della se lembrou.

Agora, todos esses annos passados, ella surge-nos no Porto no Theatro Sá da Bandeira, na revista "O Mexilhão." O dia da estreia foi de incerteza para o vasto publico que inundou a sala até ao ultimo logar. Que seria essa "garota" que em tempos desapparecera sem deixar gravado o seu nome no memorial da saudade das plateias e que agora surgia como figura de primeira grandeza? Conheciam o seu successo atravez da imprensa lisboeta que falava dessa jovem tornada uma das rainhas do "couplet." Viram-na recentemente em "A Minha Noite de Nupcias." Mas a duvida inexplicavel, subsistia por vezes, animando as plateias em face do contacto pessoal que se ia dar no palco. Isso tornou mais forte a victoria de Beatriz que no dia da sua estreia conquistou de uma maneira decisiva o publico portuense.

E quando as palmas estrugiram sinceras e ensurdecedoras no final do seu trabalho, a galante artista receosa de um publico com fama de assaz exigente e sabendo da sua persistente interrogação, exultou de alegria, como uma verdadeira principiante que vê coroar-se o seu successo. Foi com lagrimas nos olhos, de contentamento, que ella triumphou.

Nós já esperavamos o exito obtido, nós e todos os que como nós a tinham já visto trabalhar nos palcos de Lisboa. Beatriz é irresistivel, cheia de vida e de "entrain", adoravel e graciosa. Inspira alegria.

Dois dias após a sua estreia no Porto, tornou-se ella tão popular que já mesmo os garotos da rua a conheciam. "Olha a Beatriz!" ouvia-se a cada passo pronunciar os transeuntes, quando com ella passeámos um pouco em uma destas tardes em que decidimos entrevistal-a para a "Cinearte."

Não é a sua carreira de theatro positivamente o que mais nos interessa, alludimos a ella, todavia, mais para frisar a sua extraordinaria importancia perante o publico — a sua popularidade. Deve no emtanto parte desta ao Cinema com "A Minha Noite de Nupcias" acerca da qual já aqui falei e que os "fans" brasileiros já viram.

Não era o nosso primeiro encontro. Conheciamol-a já de Lisboa e sabiamos a quem iamos falar, a uma rapariga gentil, dada, falando sem enfatuamento e communicativa. A entrevista por esta razão, mais nos attrahia. E depois, é quasi certo ella vir a ser a interprete de "A Varanda dos Rouxinoes" o primeiro Film da Tobis Portugueza. Já nol-o havia dito Leitão de Barros, disse-nos ella tambem, quando a encontrámos na confeitaria "brasileira" saboreando o seu chá da tarde ao lado de outros artistas.

Pedimos-lhe para posar para a "Cinearte" ao nosso lado e Beatriz sempre gentil responde-nos ter nisso o maximo prazer. Frisa a sua sympathia pela excellente revista carioca e fala-nos de Adhemar Gonzaga que conheceu quando esteve no Rio de Janeiro. Tem palavras de louvor para este nosso amigo e director e diz-nos da sua acerrima dedicação pelo Cinema Brasileiro e o seu incontestavel valor de cinephilo.

Entretanto o reporter photographico que previdentemente eu levara ao meu lado, communica-nos que a machina está prompta a focar. Beatriz alegre e contente quer apparecer na photographia empunhando o exemplar de "Cinearte" que eu levara. A photographia tirada ao ar livre chama a attenção de innumeros transeuntes e em um momento vemo-nos cercados de uma muralha humana que quer ver Beatriz Costa. E manifestando o seu enthusiasmo em reconhecer a sympathica artista, alguns fazem allusões ao "Burrié", versos que ella canta com successo no palco. Beatriz acha muita graça a esta attitude de curiosidade originada pela sua popularidade e sente-se satisfeita, talvez até com uma natural pontinha de vaidade. E não desarma, tem uma resposta sympathica para todos, diverte-se vendo alguns garotos jogar o "yó-yó" a mais recente invasão de futilidade que atacou Portugal. E affirma, ao ver a dedicação e habilidade de certas pessoas neste joguinho de corda que se enrosca num eixo supportando duas especies de roldanas: — "é um caso serio!"

Eu concordo. Pode lá discordar-se do que diz a Beatriz!

Beatriz Costa e J. Alves da Cunha, correspondente de "Cinearte" no Porto.

(Termina no fim do numero)

de falar, delicado, sereno, calmo — de uma frieza quasi que absoluta! Mergulhou-se numa fôfa poltrona e o seu corpo pequeno, quasi que se sumiu por entre o acolchoado da commoda e macia **maple**.

Ficou-me a olhar, durante dois segundos. Os seus olhos são pequeninos, miudos mas de um brilho penetrante que parece cortar como lamina de navalha.

Era preciso começar nossa palestra e, então, abordei o facto da sua ultima viagem a Londres, onde elle fôra posar no Film britannico, "Wedding Rehearsal." "Sim, regressei faz pouco tempo. Tendo tido um chamado para um papel num Film dirigido por Alexander Korda, acceitei-o por duas razões — dar o meu apoio á uma industria que está tomando vulto em minha terra e tambem pelo facto de poder rever a minha cidade, Londres.

"Que tal achou o Cinema, na Inglaterra?

"Melhorando immenso. Encontrei muita actividade, um enthusiasmo muito grande e progresso. Não se póde comparar com esta industria de Hollywood — mas os inglezes fazem progressos admiraveis."

"Gostou de trabalhar sob a direcção de Korda?

"Sim. Elle é um homem de cultura, educado, um typo fino.

"E Maria Korda apparece nesse Film?

"Não — felizmente!" foi a sua resposta curta, brusca, severa. Não quiz perguntar porque... Mas, Roland Young deve ter as suas razões. Maria Korda, segundo ouvi, é de um temperamento impossivel. Briga com Alexander por qualquer coisa... tem um genio que se adaptou, portanto, tão bem ao papel que ella teve naquella satyra sobre a vida de Helena de Troya!

Falamos de seus antigos papeis. Recordei **Madame Satan**, onde elle appareceu — "Que Film horrivel!" diz-me elle, sem me deixar terminar a phrase... Por que? Não sei, não me quiz dizer. Não gostou e não gostou... e elle lá deve ter as suas razões.

"Quaes os papeis que mais o agradaram, na sua carreira?" indago delle. "Dois — um no theatro, na peça **Rollo's Wild Oat"** escripta pela sogra... Depois de haver conhecido a filha della, pelo espaço de dez annos — quando era ainda uma menina, caseime! Por isso não posso deixar de gostar dessa peça!

Nos Films, a parte do rei em **Woman Commands**, ao lado de Pola Negri." contínúa elle.

"E sua opinião sobre Pola?"

"Excellente! E a sua?

"Ella é uma das grandes figuras do Cinema e os seus velhos Films ninguem póde esquecer.

"Muito bem. Pola é uma artista — comprehende? Uma grande artista, poucas, no momento, se comparam a ella. Não foi feliz com esse Film—a historia não era muito favoravel a ella. Mas, o seu papel, ella o desempenhou com admiravel belleza. Viu-o?" pergunta-me elle.

Roland

(De Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood).

Não ha muito tempo, folheando uma revista americana, encontrei uma chronica que dizia — **Roland Young é o terror dos reporters e jornalistas** — e fiquei pensando no caso. Seria possivel que aquelle artista tão subtil, tão delicado em suas comedias, um ser que a gente adivinha culto, intelligente e educado pudesse ser o desespero dos que o procuram entrevistar?

A minha curiosidade ficou, então, aguçada. Se gostava delle, fiquei a pensar dias a fio em entrevistal-o; em tel-o perto de mim para uma palestra, para um estudo e uma apreciação maior.

Custou a chegar a minha opportunidade e a satisfazer o meu desejo de o ter no rol dos meus entrevistados. Mas, consegui o meu intento. Peguei-o disposto a não deixal-o fugir sem responder a todas as minhas perguntas — sem ter delle uma impressão definitiva e que pudesse dar aos leitores de **Cinearte** uma idéa aproximada dessa figura tão popular do Cinema americano.

Mas, se havia lido que elle era difficil de ser entrevistado — posso, agora, dizer que o autor daquella phrase passou tambem pelos mesmos momentos que eu...

Roland Young é o artista mais educado que já encontrei, aqui em Hollywood — de uma cultura vasta, solida, e, ao mesmo tempo, um homem fechado... As suas idéas, o reporter as tem que arrancar... pois elle gosta pouco de falar. E, depois, elle, em meio da palestra, gosta de fazer perguntas difficeis que obrigam ao entrevistador a estar precavido — a pensar nas respostas, a discutir coisas e factos. Por isso, gostei immenso dos momentos em que falei com elle.

Humorista finissimo, malicioso, entretanto, em muitos dos apartes, Roland Young enche a sua palestra de prazer. Ao findar a nossa conversa, fiquei a pensar novamente em todas as coisas que elle tinha falado e sobre os assumptos que elle aborda com tanta precisão, com elegancia de phrases e com tanta finura.

Depois que com elle conversei, vim a verificar que o seu typo, nos Films, sempre retrahido, socegado, deslisando pelas scenas — é o mesmo caracter do Roland Young da vida real. Elle, em pessoa, nada differe do artista — o mesmo modo

"Sim. Gostei muito do typo de Pola, principalmente quando ella cantou **Paradise**! Que coisa deliciosa!

"Tem razão. Essa canção parece ter sido feita para Pola cantar — com aquella sua voz tão quente, tão sensual..."

E que outros papeis o agradaram?"

"O critico theatral em "Só ella sabe." E' um papel pequeno, quasi sem importancia, mas extremamente saboroso."

"Quando iniciou o seu trabalho nos Films?

"Ha mais de quinze annos, ao lado de John Barrymore em **Sherlock Holmes** — mas ninguem se lembra disso. Depois, fui chamado em Londres para o papel em "Captivante viuvinha" com Norma Shearer. Vim para os Estados Unidos, mas não cheguei a interpretal-o. Assignei contracto com a Metro e fiz para essa empresa varios Films... mas não fui muito feliz!" !

As perguntas tinham que ser feitas, uma após as outras. Afinal de contas, estava vendo que Roland Young não era assim tão difficil... Elle responde a tudo que se lhe pergunta — as vezes

com um **sim** ou **não** — de outras, estende-se mais um pouco. Elle não responde immediatamente. Pensa antes de dar a sua resposta, mas esta é ampla, satisfazendo plenamente. Elle não divaga sobre o assumpto — responde com precisão e é franco, de uma franqueza extrema, nas suas idéas e apreciações. Agora é elle que me pergunta — "O Sr. vê Films estrangeiros?

"Sim — no Brasil os via, sempre — agora, aqui em Hollywood, costumo ir ao **Filmarte** e ali vejo o que os outros paizes produzem.

"Viu **A Nous la Liberté**, de René Clair? Gostei desse Film, é bastante differente e tem uma idéa interessante, o que nem todos os trabalhos offerecem."

"Gosta mais do Cinema falado do que do silencioso?

"Sim — muito mais. Ha mais vida e mais naturalidade. Agora, com o melhoramento da technica, os Films perderam certa monotonia dos primeiros tempos.

"Prefere o theatro ao Cinema?

"Sim e não. Sim por varios motivos pessoaes — um delles por ter sido artista do palco e não posso deixar de querer bem ao theatro.

"Não, pelas vantagens e commodidades que os Films apresentam. Mas, todas as vezes que eu puder, voltarei ao palco. Sinto falta da platéa. No theatro podemos dar a um caracter mais vida, mais realce, mais personalidade. E' creação, onde o artista collabora melhor do que no Cinema, onde o director ordena e indica."

"Acha que um artista do theatro é melhor elemento para o Cinema, do que um que nunca representou?

"Sim. O palco ajuda bastante, principalmente agora com o Cinema falado. Ha, em muitos casos, fracassos — mas isto é motivado por outras razões. Sou de opinião que um artista do palco tem mais qualidades para triumphar no Cinema do que o inexperiente...

Roland Young estava, assim, portanto, mais de meia hora soffrendo o ataque cerrado das minhas perguntas. Respondeu a tudo e encheu a nossa palestra de esplendido bom humor.

Falei-lhe nos pinguins, que são a sua mania!

"Gosto immenso delles. São os actores mais comicos de todo o mundo! Já reparou como são interessantes?

"Qual o seu passatempo favorito?

"Ler livros e fazer caricaturas de meus amigos."

Roland Young é autor de varios livros, um delles é em verso e traz caricaturas do proprio artista. Cada pagina um verso e na seguinte a caricatura do animal, sobre o qual elle, em phrases maliciosas, discorre.

Não vou traduzir — mas quero deixar aqui um dos seus versos — sobre a "pulga." Os que entendem inglez poderão comprehender bem porque o titulo desse livro é **Not for Children** — que traduziremos — **Prohibido para menores** — tal qual o aviso á porta do Imperio, na semana em que Herr Lubitsch apresenta uma das suas producções.

Aqui vae:

> And here's the happy, bounding flea —
> You cannot tell the he from she.
> The sexes look alike, you see;
> But she can tell and so can he.

E' um volume pequeno, editado com elegancia e bom gosto. Vê-se nelle a verve esplendida que a nima esse artista tão interessante nos seus papeis. Lembram-se do medico que elle fez em "Uma Hora Comtigo?" Com que serenidade, calma e sangue

YOUNG,

frio elle leu aquelle relatorio da aventura de Chevalier com a sua esposa, Genevieve Tobin... Recordam-se? Pois aquelles mesmos modos e maneiras, Roland Young os mostra na vida real. Subtil, de uma delicadeza admiravel, um senso de humor delicioso.

Foi uma entrevista difficil de conseguir, mas recompensou, pois os momentos que com elle passei me satisfizeram completamente.

Roland vive recolhido ao seu lar de Beveryl Hills. Tem poucos amigos, um numero muito escolhido e selecto. Elle não se vê em quasi logar algum. Do Studio para o conforto do seu lar, entre seus livros e em torno dos seus objectos queridos. Pinturas, obras de arte — sua collecção de pinguins em porcelana, crystal — bronze.

E' a sua mania. Se vocês tiverem por ahi algum "pinguin" interessante — mandem de presente a Roland Young, elle ficará contentissimo...

Talvez que esse recolhimento em que vive Roland Young seja originado pela sua infancia, toda ella passada num collegio de Londres. O edificio, no seculo XIII, fôra um convento. Velhissimo, lugubre, silencioso. Lages immensas que duplicavam o éco dos passos... Cellas sombrias... e numa dellas, Roland Young viveu durante alguns annos, lendo, estudando. Dahi a sua serenidade religiosa, o seu socego e os seus modos tão severos. Mas — certamente, esse espirito malicioso e humorista que elle possue, não nasceu, nem foi inspirado pelo silencio bemaventurado do vetusto convento de Londres! Isso tudo é cem por cento Roland Young... nasceu com elle e faz parte do seu **EU**.

Elle continúa a trabalhar bastante. Não tem contracto, presentemente e elle mesmo me disse que prefere escolher os seus papeis, pois desse modo os faz mais de accordo com a sua vontade. Recentemente, terminou "The NEw Yorker", ao lado de Al Jolson para a United Artists e, agora, apparece em **Happy Dollars** comedia da Universal, com Zasu Pitts e Slim Summerville.

Aqui ficam portanto impressões e idéas de Roland Young — um artista finissimo, digno de ser applaudido e apreciado.

"Ideal", "Gloria", "Capitolio" e "Floriano" são os Cinemas de Maceió (Alagôas). Os tres primeiros são da empresa Cezar, Paiva & Cia.

oooo0oooo

O Cinema Avenida, do Rio Grande, substituiu o apparelho Fono-Cinex por outro.

oooo0oooo

E por falar no Avenida, a 3 do corrente fez annos um dos socios da sua empresa — Antonio Marques de Figueiredo.

oooo0oooo

A empresa Gaudio, do Rio Grande, contractou os Films da Paramount.

Winnie Gibson, George Raft e Constance Cummings em "Night After Night", da Paramount

FUTURAS

NIGHT AFTER NIGHT (Paramount) — Pequenas, alerta: — aqui está o novo idolo ! George Raft em pessoa, sim. E que Film ! Do principio ao fim é fino, agradavel, rapido e interessante e quanto mais depressa corre mais agradavel fica. George Raft — e que colosso que elle é ! é um pulha de terceira especie que torna-se proprietario do mais elegante "speakeasy" de New York e depois procura instrucção e maneiras na Park Avenue onde tambem reside a sua aristocratica paixão. E consegue-a para si. Raft, neste Film, é victorioso do inicio ao final. Constance Cummings, como sua heroina, elegante e adoravel da primeira á ultima scena. Wynne Gibson num papel de sua especialidade, optima. Alison Skipworth, no papel de professora de etiquetas, é um numero. Mas esperem tambem pela "chance" de applaudir Mae West como nós já o fizemos. Que estupenda que ella é ! E' um Film malicioso e agradavel e você o apreciará muito. Archie L. Mayo dirigiu.

THE BIG BROADCAST (Paramount) — Entre no Cinema que o exhiba e assista a um Film cheio de artistas do radio. Stuart Erwin, no papel de um petroleiro do Texas e Bing Crosby no papel delle mesmo, dominam o Film. Leila Hyams é a pequena pela qual disputam o Film todo. Stuart adquire uma "fallecida" estação de radio e com as irmãs Boswell, Kate Smith, orchestra de Vincent Lopez, Donald Novis, Arthur Tracy, irmãs Mills, Cab Calloway e até mesmo Bin, vence na vida mais uma vez. Sharon Lynne tem um papel esplendido e se não rirem escandalosamente com Burns e Allen é porque andam doentes dos nervos na certa. A historia é fraca, mas a musica agrada e é francamente estupenda. Vejam, que fazem o favor a si proprios. Direcção de Frank Tuttle.

THE ALL AMERICAN (Universal) — Gostem ou não gostem de "rugby", entendam ou não entendam essa especie de "football", eis aqui um Film que não deverão perder. Mesmo que pouco apreciem das combinações, das "chaves" e dos "trucs" do jogo nacional dos Estados Unidos, ficarão sentados na pontinha da poltrona e emocionados do inicio ao fim do mesmo. Tomam parte trinta e cinco dos mais notaveis jogadores de "football" dos Estados Unidos, taes como Frank Carideo, Marchy Schwartz, do Notre Dame, Albie Booth, do Yale, Red Cagle, do Exercito, Johnny Baker e Gaius Shaver, da Universidade do Sul da California e outros deste mesmo naipe. E trata-se de uma historia onde entra "scratch" nacional americano em scena. Richard Arlen é o vulto magno do elenco, seguido bem de perto pela estupenda interpretação de James Gleason, no papel do instructor pessimista mas victorioso do "team". Andy Devine fornece a comedia e June Clyde é a pequena principal do Film, se bem que a competição que lhe movem Merna Kennedy e Gloria Stuart seja vehemente. A historia é toda ligada ao jogo principal, mas é interessante, cheia de humorismo, sentimento e drama. Leve as crianças e a familia toda.

TROUBLE IN PARADISE (Paramount) — Ninguem apreciou devidamente o verdadeiro Herbert Marshall a não ser depois de o verem neste Film. O applauso das multidões ao Film e a Herbert têm sido compactos e unanimes. E além do desempenho impeccavel do artista, o Film é uma dessas raras maravilhas que o Cinema nos offerece ás vezes. Marshall tem o papel de um super-ladrão e um super-amante. E como invejarão as mulheres a Miriam Hopkins e Kay Francis... Os vestidos que estas duas pequenas usam no Film, então, são maravilhas que provam o quanto Hollywood anda superior a Paris. Isto, no emtanto, é parte puramente complementar do Film, que, todo elle é uma maravilha de perfeição. Miriam Hopkins vibrante, Kay Francis mais subtil e maliciosa têm em seus papeis verdadeira criações de bom gosto e arte. Ellas em torno de Herbert Marshall, o mais imponente do elenco, são coadjuvadas por Charlie Ruggles, Edward Everett Horton e C. Aubrey Smith, igualmente em optimos papeis. O thema e os dialogos são ousados e maliciosos, mas Ernst Lubitsch, o director, é tão delicado, tão subtil e fino que ninguem se offende. Uma platéa commum não estará á altura do Film que é um prodigio de intelligencia. E Lubitsch mais uma vez prova o genial director que é. A historia trata de dois larapios e uma viuva parisiense e é um dos melhores Films até hoje feitos por Lubitsch. Não é preciso dizer que deve ser assistido, portanto. Não se esqueçam: — é a melhor opportunidade que terão para apreciar o verdadeiro Herbert Marshall que New York já consagrou em seus palcos e apenas agora surge num Film authenticamente bom.

RED DUST (M.G.M.) — Volta Clark Gable aos papeis viris que lhe grangearam a fama de homem-homem que tem entre os "fans" do mundo todo. Com elle, Jean Harlow num esplendido papel. O resultado da combinação é um Film absolutamente digno de ser visto. Passa-se a historia numa plantação de borracha... nas selvas, com Clark Gable no papel do proprietario, Jean Harlow no de uma "Sadie Thompson" daquellas paragens, mas de coração de ouro e o calor. Depois, naquella cova de "pó vermelho", tempestades e calmarias, chegam Gene Raymond e sua noiva, Mary Astor. E Clark Gable apaixona-se violentamente pela noiva alheia... A direcção de Victor Fleming é fina e maravilhosa. Os dialogos tem rara vida. O final é emocionante. Jean Harlow offerece um desempenho completo que Clark Gable com grande difficuldade iguala. Donald Crisp, Tully Marshall e Willie Fung completam o esplendido elenco.

SIX HOURS TO LIVE (Fox) — A extranha historia de um homem que depois de morto resuscita. O papel de Warner Baxter, como Paul Onslow será longamente lembrado pela sua magnitude. Um experimentado e sincero representante de seu paiz, encontra-se numa commissão que vae decidir de um assumpto importante que depende de seu voto. Um inimigo politico opera a vingança, liquidando-o antes de conseguir votar. Mas um scientista famoso inventa, entre outras cousas o poder de um raio que conduzirá a vida aos mortos por seis horas apenas. E Warner Baxter ganha mais seis horas para viver... A historia lida com essas seis horas e está cheia de situações emocionantes, lindas e admiraveis. O sacrificio de Warner Baxter renunciando á criatura que ama é estupendo. Miriam Jordan, uma pequena nova, vae admiravelmente bem. George Marion optimo no papel do scientista. John Boles optimo igualmente no papel do apaixonado infeliz A direcção de William Dieterle é esplendida. Montagens e photographia igualmente optimas.

I AM A FUGITIVE FROM A CHAIN GANG (Warner Bros.) — Historia vigorosa. A's vezes feliz e ás vezes nem tanto. Tem sufficiente emoção, no emtanto e muita brutalidade no seu realismo. E' um dedo accusador contra o systema de prisão de corrente e torturas. No papel do soltado que volta da guerra e envolve-se innocentemente num crime, Paul Muni é simplesmente admiravel. E para sahir da rotina que detesta, principalmente depois de voltar da guerra, Paul Muni arranja nessa complicação dez annos de prisão. Mervyn Le Roy dá-nos um Film forte, empolgante, violento, humano, mas contristador.

AIRMAIL (Universal) — Lutas, soffrimentos, devoção ao dever e o que mais acontece aos soldados do ar dos E. Unidos estão vivamente mostrados neste optimo Film Ralph Bellamy optimo tambem, no papel principal que tem. Pat O'Brien tem outro bom papel e Gloria Stuart, Lilian Bond, Russell Hopton, Leslie Fenton e David Landau completam o grande e esplendido elenco. Direcção de John Ford.

FAITHLESS — (M.G.M.) — Tallulah Bankhead consegue afinal um papel de accordo com seu temperamento e onde ella mostra realmente quem é. E' a mulher rica que se apaixona por Robert Montgomery, o rapaz pobre que se especializou em publicidade. Vem a crise. Tallulah fica na miseria e Robert perde o emprego. Mas sempre conseguem a felicidade A vulgaridade da historia, em certos momentos, desapparece deante dos optimos desempenhos da dupla. Harry Beaumont dirigiu.

LITTLE ORPHAN ANNIE (R.K.O.) — A historia é fraca, mas isto pouco importa. Ha graça em penca e a todo momento. Mitzi Green tem o principal papel e sahe-se admiravelmente bem. A sua mimica é razão sufficiente para não perderem o Film. Buster Phelps,

um gury de cinco annos quasi rouba-lhe o Film. E Jackie Cooper que tome cuidado com este garoto do outro mundo. May Robson optima no papel da avó rica. John S. Robertson na direcção.

THREE ON A MATCH (First National) — Historia incommum que se passa entre tres pequenas, amigas de collegio, que são subitamente colhidas nas emoções as mais violentas da vida e tudo porque accenderam seus cigarros num mesmo phosphoro... Ann Dvorak é a primeira no desempenho. Seguem-na Joan Blondell e Bette Davis. Warren William e Lyle Talbot são os dois esplendidos galãs. Marvyn Le Roy dirigiu.

MADISON SQUARE GARDEN (Paraount) — Assumpto de lutas, intrigas, heroismos e miserias dentro do maior Stadium da America. E tem-se, ainda, a visão interna daquelle recinto de campeões. Jack Oakie e Warren Hymer têm os papeis principaes. Jackie leva a palma num desempenho optimo. William Collier Sr. é o

ESTRÉAS

"manager" de ambos. Marian Nixon offerece um suave e gostoso romance ao Film. William Boyd é o villão. Direcção de Harry Joe Brown.

THE PHANTOM OF CRESTWOOD (R.K.O.) — Se você seguiu esta historia de mysterio pelo radio, garanto que não descobriu e identidade de Jenny Wren. E este capitulo que você provavelmente não descobriu, aqui está como "climax" deste agradavel e divertido Film. Não é nada de notavel, mas agrada. Elenco optimo chefiado por Ricardo Cortez e Karen Morley. Direcção de J. Walter Ruben.

SCARLET DAWN (First National) — A revolução russa. Aventuras de um nobre corrupto, Douglas Fairbanks Jr., sempre acompanhado pela sua fiel e apaixonada criadinha, Nancy Carroll. O casamento delles, luta pela vida em terra extranha e tudo mais é o que o Film mostra. Douglas não se póde queixar do Film ser inferior a outros ultimamente por elle feitos, porque a escolha foi sua. O que falta é acção. Lilyan Tashman no papel de uma antiga apaixonada que persuade o ex-nobre a se tornar gigolô é optima. William Dieterle dirigiu.

WILD GIRL (Fox) — Está cançado de dramas singelos? Pois veja esta historia das aventuras de Salomy Jane com um ambiente ao livre simplesmente notavel. E emoções em penca. Joan Bennett no papel de Salomy Jane talvez não tenha o fogo e o ardor necessarios ao papel, mas você ainda assim a apreciará muito. Charles Farrell é o rapaz de sua paixão. Ralph Bellamy, Eugene Pallette, Irving Pichel, Minna Gombell e Srah Padden completam

o elenco, com a efficiencia habitual. Raoul Walsh dirigiu.

PAYMENT DEFERRED (M.G.M.) — Um homem comette um crime que fica por descobrir. Mais tarde a esposa suicida-se e elle é condemnado erroneamente como sendo o culpado e por tal é enforcado. Pagamento transferido... Charles Laughton transforma o papel numa coisa notavel, realmente, e foi criação sua no palco. Elle tem sufficiente personalidade para ser tambem um victorioso em Cinema. A historia é infelizmente morbida. Os adultos talvez apreciem, mas os pequenos, deixem-nos em casa. Lothar Mendes dirigiu.

FALSE FACES (World Wide) — Um Film de idéas novas. Exposição fiel de praticas medicas fóra da ethica... Lowell Sherman, além de merecer amplos creditos pela direcção que é optima, esplendido igualmente no papel que desempenha maravilhosamente bem. Peggy Shannon, Lila Lee, Berton Churchill e David Landau figuram com exito. O final é emocionante e differente tambem. Vejam.

HOT SATURDAY (Paramount) — Divertido, apenas. Não se fica contra Cary Grant, pois a historia e o Film em geral não puxa tanto a attenção de quem quer que seja, mas a unica cousa que se deseja é que a pequena Nancy Carroll case-se com Randolph Scott, o bom rapaz. Quando a gente espera o "Climax", o Film termina. William A. Seiter dirigiu.

KONGO (M.G.M.) — Lon Chaney já fez este Film e muito melhor, apesar de tambem sordido. Walter Huston, muito embora tenha sido creador do papel no palco, fracassa num papel que Cinematographicamente não lhe serve. Lupe Velez com quasi nenhuma opportunidade para se mostrar. Virginia Bruce com belleza e tudo sacrificada num papel ingrato. Para quem goste de historias de selvas com ambiente de horror em torno, serve. Mas deixem as creanças em casa. William Cowen dirigiu.

SPORT PARADE (R.K.O.) — Apesar de tudo quanto de aparentemente bom ha no Film, inclusive o desempenho de Skeets Gallagher, no papel de um operador, elle continua fraco. Joel Mc Crea e William Gargan são companheiros num campo de jogo de "football". Deixando o collegio entram por outros ramos da vida. Joel, como jogador profissional encontra uma serie de desventuras e William Gargan, como chronista sportivo tambem soffrendo das suas. Bom thema, mas Film fraco. Marian Marsh é o interesse amoroso do thema. Dudley Murphy na direcção.

SHERLOCK HOLMES (Fox) — O que faria Sherlock Holmes se "gangsters" tentassem tomar Londres? Assista este Film e terá a resposta. Clive Brook é Sherlock Holmes e notavel é seu desempenho, particularmente quando em travesti. Ernest Torrence é o sinistro professor Moriarty. Miriam Jordan, uma pequena nova, agrada plenamente. Vejam. Ha emoções de sobra. William K. Howard dirigiu.

HER MAD NIGHT (Mayfair) — Mais uma vez o supremo sacrificio de uma mãe por sua filha. Irene Rich é a mãe e Mary Carlisle a filha. A confissão final da filha leva o resgate á sua excellentissima progenitora... Conway Tearle muito bom (mas estará mesmo?...) no papel de promotor publico. Kenneth Thompson é o villão. Direcção de E. Mason Hopper.

OOOOOOOO
OOOOOO
OOOO
OO
O
OOOOO
OOOOO
OOO

Jean Harlow e Clark Gable em "Red Dust" da M.G.M.

Warner Baxter em "Six Hours To Live" da Fox

Gloria Stuart e Ralph Bellamy em "Airmail" da Universal.

EXOTICAS

Gwili André

EXOTICA. Vinda de um paiz extranho. Não nativa. Como, por exemplo, uma palavra exotica, uma planta exotica. (Diccionario WEBSTER).

Mas a popular definição da palavra "exotica" começa justamente onde Noah Webster a termina. Exotica, para gente que admira Cinema, principalmente, é a artista mysteriosa, fragil, orchidinea, fascinante...

Esta concepção de palavra "exotica" já vem de muito longe. Nasceu com as expressões funestas de Theda Bara. Ella já sacudiu muita gente boa de paixão e enthusiasmo. Hoje não ha Studio que não tenha uma "exotica" ao menos, isso quando não tem duas ou tres...

A Theda Bara da vida real, no emtanto, era tão "exotica" quanto a ponte de Brooklyn... E quando deixou o Cinema tornou-se uma simples, pacata e austéra dona do lar de Charles Brabin, o director... Sua fascinação era gerada no escriptorio de publicidade e sua malicia nascia nos mimeographos que vertiam para o mundo copias de informações exaggeradas e ellas sim "exoticas"...

E até á presente data, Greta Garbo inclusive, a chuva torrencial de "exoticas" ainda não terminou e nem tão cedo ameaça terminar...

Esta phantasia toda, no emtanto, é uma cousa realmente necessaria. Ficou provado que artistas realmente exoticas, como Lya de Putti, por exemplo, que tanto o era em Films como fóra delles e talvez mesmo mais fóra delles, não punham enthusiasmo algum em seus papeis e não conseguiam personificar uma exotica com mais felicidade do que uma "exotica de encommenda", uma exotica... familiar, em summa.

Alguem, falando de Greta Garbo, disse: — "Admiro-me como é que não puzeram em Anna Q. Nilsson a mesma pecha de exotica. Ella tambem era sueca e admiravel. Ella chegou primeiro, note-se!". E havia muita observação sensata nessa phrase...

O que teria succedido a Greta Garbo se a Metro a tivesse posto em papeis de "cow-girl", como fizeram com Anna Q. Nilsson, quando ella se transformou numa das heroinas de William S. Hart? Que tal Greta Garbo heroina de Tim Mc Coy ou Jack Hoxie?... Se não fosse o trabalho conciencioso, habil e efficiente de um habilitado gabinete de publicidade, teria ella vencido com a mesma felicidade?...

Quem realmente descobriu Greta Garbo, diga-se em seu louvor, foi o rapaz do departamento de "make up". Elle pintou sobrancelhas differentes, nella, fez uma "maquillagem" especial e o resultado foi o que as "cameras" até hoje não cançaram de mostrar ao mundo: — um prodigio de exotismo.

Mudaram-se os methodos, no emtanto, desde a era-Theda Bara. Esta podia dar certas entrevistas, mas dava-as em ambientes complicados e toda cercada de uma apparencia toda fingida e hypocritamente sensual só para illudir aos chronistas nescios. Hoje a moderna "exotica" não dá entrevistas: — Greta Garbo, por exemplo...

A moderna "exotica", além disso, deita-se cedo. Levanta-se cedo. Recolhe-se ás nove, invariavelmente e faz alguns minutos de exercicio mental com boa leitura. Depois dorme e pela manhã levanta-se para a gymnastica que póde ser "sueca" tambem, embora seja mais prosaica do que exotica... Fuma numero limitado de cigarros fracos. Não bebe alcool. Leite é tudo quanto de mais "perigoso" seus labios podem ingerir. Come bem, mas segue diéta para não engordar muito, porque a epoca das exoticas como Nita Naldi já passou. As fórmas já não são tão redondas, hoje...

Marlene é um dos mais frisantes exemplos da exotica-artificial. A começar pela pintura escura que ella faz nas bochechas, para que seu rosto tome aspecto anguloso e exotico e terminando com a sua mais do que conhecida fama de mãe perfeita e esposa modelo. Ella além disso usa "maquillage" mais do que exotica para collaborar com o aspecto formado pelas bochechas. Seus vestidos são igualmente feitos para explorar este aspecto. A "camera" e os reflectores completam o conjuncto, magicamente...

Depois é preparar o espirito do publico para receber a exotica-Marlene e disso incumbem-se homens que não fazem outra cousa, o dia todo, senão pensar em detalhes curiosos para obterem o effeito almejado.

E affirma-se que nenhuma publicidade de "exoticas" custou tão cara quanto a de Greta Garbo...

Jetta Goudal deixou de ser a exotica mais efficiente de Hollywood, porque quiz. Quando De Mille apresentou-a em seus Films,

exotica, franceza e mysteriosa. Seu Film *A Ponte de São Luiz*, por exemplo, é cousa que os "fans" jamais olvidaram... Depois ella cahiu um pouco com alguns Films demasiadamente communs. Mas *Esposa improvisada* redobrou ultimamente sua justa fama. E ella tem temperamento de sobra para tal.

Os nomes influem muito na maneira de se apresentar uma exotica. Reparem só: Theda Bara, Greta Garbo, Marlene Dietrich, Sari Maritza, Tala Birell e Gwili André. E todas ellas são exoticas vencedoras. A primeira é "presidente-honoraria"... As tres ultimas são nomes que agora se estão lançando e todas ellas com brilhantes perspectivas.

Sari Maritza, por exemplo, affirmam até que nasceu na China. A verdade é, no emtanto, que nasceu no pouco poetico Piccadilly, em Londres... Ella o que é, é culta e por isso, usando de suas linguas estrangeiras que fala aprimoradamente, mais ainda se impõe como exotica...

Tala Birell traz a Austria das valsas e a Polonia das tradições heroicas para a téla. Mais exotismo do que esta mistura deliciosa?... Nasceu em Vienna. Mas viveu a maior parte de sua vida na Polonia em companhia de um tio, o Barão Bogdanski. *The Doomed Batalion*, primeiro Film aqui feito, onde pouco teve a fazer, revela uma nova exotica ao Cinema e sem duvida será sabiamente mostrada e explorada em Films. E não ha um só que

(Termina no fim do numero).

Tala Birell

Sari Maritza

alçou de fórma gigantesca sua fama de "differente". Salientou-se o seu aspecto de genio irritavel e violento. E com tudo isto faziam-se Films e impunham-se idéas ao publico que as transformava em idolatria pela nova e tão exquisita exotica... Mas Jetta Gouda não se soube aproveitar disso.

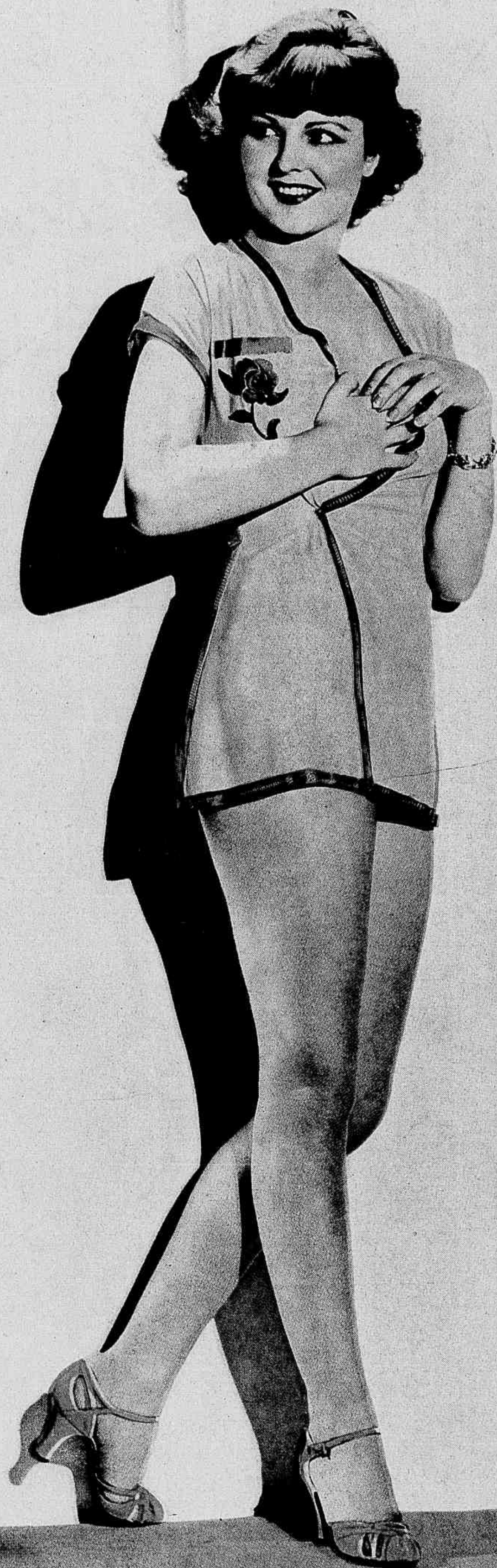
Em muita cousa, o caso de Pola Negri assemelha-se ao de Jetta Goudal. Depois de vencer estrepitosamente a Europa com *Madame Du Barry*, Pola veiu para a America e, aqui, em torno della ergueu-se a mais violenta publicidade possivel para erguel-a como exotica. E durante algum tempo ella prudentemente soube conserval-a intacta. Quando a deixou escapulir desceu e provavelmente nunca regressará ao conceito exacto que antigamente desfructava.

As qualidades esplendidas de Greta Nissen para exotica foram mal vistas em Hollywood quando ella surgiu pela primeira vez na constellação. Fez papeis por demais simples em Films regionaes até e com isso, perdeu para sempre a sua possibilidade de se tornar uma das mais victoriosas exoticas do Cinema.

Lily Damita tem sabido ser

ARTIFICIAES

PARA O
CARNAVAL

ANITA
PAGE.
AO CENTRO
JOAN
PARKER,
UM NOVO
CASO
SERIO...

Lillian Bond, reformada pela Paramount

LILLIAN

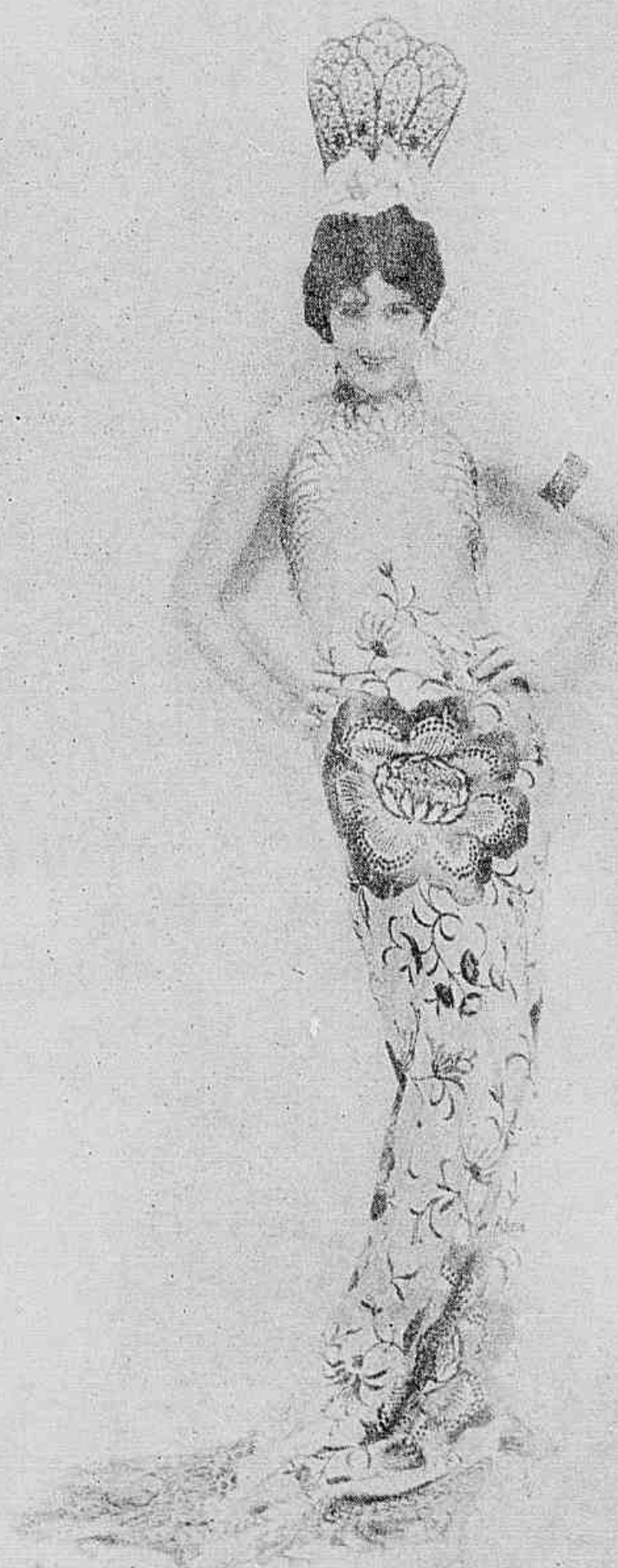
BOND

O sorriso mais brasileiro de Hollywood.

PHOTOS
DA
PARAMOUNT
Figurinos
para
verão...

DOROTHY JORDAN

ADRIENNE AMES

MARGARET LEVINGSTON

PARA O CARNAVAL

DOLORES DEL RIO

A Estrella

Helen Hayes é uma "estrella" de futuro...

Norman Mac Leod acha que as "estrellas" devem começar pelas comedias.

OS estylos mudam. Não só em modas, automoveis, córtes de cabellos. Em toda a humanidade tambem... Bem por isso é que as "estrellas" de Cinema de anno para anno fazem progressos incriveis e mudam radicalmente, ás vezes. Tudo uma questão de estylo, portanto, e como as cousas que se repetem cansam, é preciso mudar de estylo. Dahi a pergunta: — o que é preciso ter para ser "estrella" em 1933?

Aqui o resultado da "enquête". Varias pessoas falaram. As opiniões principaes aqui estão, encabeçadas pela de Ernst Lubitsch, um dos maiores, senão o maior vulto do Cinema, hoje.

Lubitsch, acclamado pelas multidões do mundo todo pelo seu talento, respondeu o seguinte:

— Qualquer pequena para vencer em Cinema, amanhã, ou seja, em 1933, deve ter "personalidade photographica". Ella precisará ter grande magnetismo e immenso encanto pessoal. E, o que é mais importante, precisará ter aquelle poder especial de transmittir esses seus dotes ás platéas. Uma pequena nasce com "personalidade photographica" ou jamais a adquire. E' uma questão de berço.

— O Cinema, em 1933, precisará de artistas e não de bonecas. Cada dia comprehendemos melhor o quanto o Cinema necessita de pequenas de talento espontaneo e de nascença. O exercitamento, para ellas, servirá apenas para tornal-as perfeitas.

— Eu acho a experiencia theatral uma cousa importante. Tanto mais uma pequena a tenha, antes de vir para Hollywood, tanto melhor aqui se dará. Nós estamos começando a dar *chance* a mulheres mais maduras em vez de pequenas de mocidade absoluta, não porque precisemos de "mais velhas" e, sim, porque essas mais maduras trazem essa experiencia que eu reputo necessaria. O mundo continuará apreciando a mocidade, no emtanto. Tanto mais joven e mais artista seja a pequena, tanto maior será seu triumpho.

— A belleza não é muito importante. São poucas as "estrellas" realmente bellas. Mas TODAS as "estrellas" famosas têm personalidade, magnetismo e encanto. A attracção physica não depende essencialmente da belleza do rosto. As "estrellas" de amanhã devem ter intelligencia, mas não precisam por isso ser intellectuaes. Uma educação secundaria bastará. Não é preciso ter diploma...

— Ambição e desejo de trabalhar são cousas vitaes. Uma pequena, para se fazer uma artista realmente grande, precisa estudar incessantemente. As exigencias do Cinema tornaram-se taes, hoje em dia, que a artista que não declinar do prazer e dos passeios pelo trabalho não tem longa duração. Ellas não podem resistir á competição movida por centenas de outras pequenas ambiciosas que estão sempre á espreita e á espera de uma *chance*. Ella deve sacrificar sua vida intima á sua carreira. E tambem deve ter fibra de alma e moral.

— Os Films que fazemos reflectem o gosto do publico. Não podemos mais acceitar o typo doce e angelico da pequena que vencia em Cinema ha quinze annos passados. Nem queremos mais a "melindrosa" que tambem fez sua epoca em Films com seu cabellinho cortado e suas maluquices. Queremos, para o anno vindouro e para o futuro, portanto, pequenas naturaes, não affectadas, intelligentes ao ponto de saberem dar rumo proprio ás suas vidas.

— Helen Hayes é um exemplo typico da mulher que o Cinema hoje quer. Ella não é bonita. Mas tem grande encanto, intelligencia, refinamento e pratica. Além disso, seu talento proprio é nato.

Foi o que disse Lubitsch. Contrastando com estas opiniões do grande director allemão, Sam Wood, um veterano, director de tantos Films de merito, diz:

— A personalidade sempre foi e ainda será, em 1933, a qualidade essencial ao "estrellato". Será sempre o factor decisivo. Habilidade para representar é muito menos importante do que isso. Exemplificando isso, posso provar que as maiores artistas do Cinema jamais foram "estrellas". E as "estrellas" quasi sempre, com excepções, é logico, são más artistas.

— A belleza, sem personalidade, valor algum tem, no emtanto. Pequenas bonitas, em Hollywood, são mercadoria facilima de encontrar. Belleza COM personalidade é que é o caso... O publico não aprecia uma belleza morta. Mas o publico sabe apreciar a fascinação de uma pequena que não tenha tanta belleza mas possua sufficiente personalidade. Uma cousa que muito influe é a habilidade no vestir.

— A "estrella" de 1933, no emtanto, deverá ter maior belleza de rosto do que de physico. Bons vestidos e angulos escolhidos poderão esconder efficientemente um corpo até mesmo mal feito. Mas não ha photographo, no mundo, que consiga disfarçar um rosto feio, ainda que seja a *maquillage* perfeita. O *close up* é um *test* perigoso...

— A intelligencia necessaria é a commum, a trivial. Uma mulher não precisa ser intellectual para vencer em Cinema. As pequenas educadas e de curso ao menos secundario, no emtanto, sempre levam vantagem e possuem muito maior nitidez de espirito para a comprehensão do que fazem e têm a fazer.

— As *loiras* têm mais opportunidade, em 1933, do que as *morenas*. Com os ambientes de fundo quasi sempre escuro, agora, a loira sobresahe mais e por isso chama mais a attenção. Uma pequena de talhe e altura commum tem probabilidades. O que não deve ser é muito alta e nem muito baixa.

— Se fôr por causa da parte sonora dos Films, hoje, as pequenas não precisam de exercitamento algum de palco. As personalidades não se revelam assim de um momento para o outro e quando alguma apparecer serão tantos os seus *tests* que só elles valerão por qualquer experiencia. Se isso sempre fosse possivel, em vez de querermos interpretações impeccaveis, de novatas, não era necessario exercicio algum de palco. Se uma pequena provar que tem personalidade, vale a pena perder tempo e dinheiro ensinando-a o lado mechanico da representação.

— Eu não sou dos que acham que para ser "estrella" seja necessario qualquer novo ou differente requisito. Nós nos tornamos mais exigentes na escolha, porque tivemos uma inundação de figuras de palco, em Hollywood e era preciso escolher cuidadosamente entre ellas, para não comprar gato por lebre. Nós chegamos a querer desenvolver talentos novos. Hoje não é mais possivel isso.

Stuart Walker, um director pouco conhecido ainda, mas um nome respeitado nos Estados Unidos, principalmente nos theatros onde foi "astro" de direcção, diz:

— Afinal de contas, quem realmente define a ultima moda em typos de Cinema, é o *fan*. Elle é que impõe. Nós apenas procuramos comprehender o que o publico quer.

— As platéas de 1933, a meu ver, exigirão "habilidade". O Cinema falado é responsavel por isso, sem duvida. Para o futuro, portanto, uma pequena nunca se deverá esquecer de que é necessario ser em primeiro logar uma boa artista, para depois conseguir successo em Cinema. Uma "personalidade" não treinada vale pouco. A difficuldade é grande para quem fôr assim e uma "estrella" que tenha esse ponto fraco não se poderá queixar quando algum "extra" lhe "roubar" uma sequencia.

Carl Laemmle Jr., acha que o Cinema precisa de artistas maduras

Lubitsch quer "personalidade photographica"

de 1933

— Habilidade dramatica é uma cousa que a "estrella" de 1933 deve ter. Não é preciso intelligencia genial. Bastam intelligencia e cultura communs.

— A belleza não é necessaria, se bem que seja imprescindivel num determinado grau. O que não é preciso é uma belleza magistral, phantastica. Entre as grandes artistas encontramos bem poucas bellezas authenticas.

— A experiencia de palco dará esse acabamento necessario ao successo no Cinema. Mas caso não seja o mesmo possivel, uma experiencia em papeis pequenos já basta. O caso de Clark Gable, por exemplo, é typico. Elle lutou immenso antes de conseguir o successo e antes de ser o soberbo artista que hoje é.

Depois falou Clarence Brown:

— O Cinema pedirá de suas "estrellas" e futuras "estrellas" muito mais este anno do que nos antecedentes. Antes de 1933 a belleza era uma cousa necessaria ao successo, e quem a tivesse podia considerar-se "estrella". Até hoje a belleza não deixa de ser importante, mas deixou de ser imprescindivel.

— A pequena que vencer, em 1933, deverá ser artista. Deverá ter habilidade sufficiente e intelligencia para sentir seus papeis e tanto quanto seja preciso para que perca sua propria personalidade dentro dos papeis que vive, adquirindo a personalidade dos caracteres que interprete.

(Termina no fim do numero).

Já disse um conselheiro qualquer.

E' a feia graciosa
Mil vezes mais terrivel que a formosa...

E vendo as figurinhas que pertencem á arte das imagens animarem-se nas telas dos Cinemas, comprehendo o valor e a veracidade desta phrase. A feia graciosa é tão temivel e perigosa quanto a "franjinha" e os suspiros de Genevieve Tobin em "Uma Hora Comtigo"...

Mas as "feias graciosas" do Cinema não obedecem ao verdadeiro sentido da palavra — não são propriamente feias. Não podemos chamal-as de lindas porque não possuem uma formosura consummada, uma belleza fulgurante ou feições de harmoniosa esthetica, mas de feias é logico tambem que não podemos chamal-as, porque senão como classificar Polly Moran e congeneres?

As "feias graciosas" do Cinema são creaturas encantadoras que agradam pela magia do "it" vivo que irradia a personalidade e não propriamente pela attracção physica. Não são feias nem formosas mas sim bonitinhas, encantadoras e perigosas em sua graça irresistivel. Não são bellezas perfeitas mas são deliciosas — e ahi está seu esgredo! E se fossem lindas, talvez não tivessem tanto "it" nem prendessem tanto... Vamos ao desfile.

Colleen Moore foi nos dias de hontem um symbolo da "feia graciosa". Alice White e seu "minois chiffonné", idem. Nancy Carroll póde ser catalogada aqui e hoje temos diversas, em generos artisticos bem variados.

A mais que subtil Genevieve Tobin, a deliciosa Mitzi de *One Hour*... encanta pela sua graça, seu maneirismo e o "retoque" que Lubitsch lhe poz na personalidade...

A poetica e delicada Helen Chandler com a ingenuidade pathetica de seu rosto... O encanto e a meiguice irlandeza de Maureen O'Sullivan... A picante Fifi Dorsay, typo da parisiense do outro mundo... O sorriso "experiente" e os olhos maliciosos de Minna Gombell...

Não se póde dizer que Sidney Fox seja bonita mas a graça que se desprende de seu rostinho "mignon" é tudo... Wynne Gibson não é bella mas prende pelas fortes vibrações de seu temperamento. Miriam Hopkins é outra que tem um "sex", uma attracção fortissima na sua personalidade dynamica.

Não esqueçamos a impagavel g o r d u c h i n h a Una Merkel, com sua voz gaguejante — uma feia graciosa quasi no verdadeiro sentido do termo... E este mixto curioso de collegial e "chorus girl" que é a "mignonette" Irene Purcell.

Irene... o nome lembra-me Irene Castle e faz-me saudades da linda "performance" de Joan Crawford naquelle Film "Sally Irene e Mary"... e dá saudades tambem de um Film tão divertido de Colleen Moore com este nome. Curioso é que Miss Purcell tem muita cousa da saudosa interprete de "Irene"... o geitinho sonso, os olhos dynamicos e Irene Purcell dá mesmo a idéa de uma edição mais magra e oxygenada da "garota moderna" de hontem...

Irene Purcell é uma das revelações mais originaes do anno. E' curiosa mesmo e um paradoxo vivo. Começou no Cinema desagradando, não é bonita, não tem pernas "marlenicas" nem attributos "garbeanos"... Mas é uma novidade e eu gostei de Irene! Sei lá bem porque. Gostei e achei-a interessantissima. Longe de ter "sex-appeal" physico ou ser uma tentação, ella agrada tão sómente pelo "it" sadio e vivo da personalidade propria que tem, tão original e despretenciosa.

Irene não tem lá grande valor artistico e nada de extraordinario... a não ser talvez os olhos, onde toda sua personalidade irrequieta se espelha — e que olhos! Não que sejam os mais maravilhosos olhos da tela, mas como sua dona, são originaes! Grandes, transparentes e imantados, sambando sempre dentro das orbitas numa curiosidade constante.

Olhos do tamanho dos de Ruth Chatterton, traduzidos em comedia, buliçosos e travessos assim como os de Marlene mas não tão lindos e relampejantes como os de Adrienne Ames, embora com uma expressão mais garota e maliciosa do que os de Joan Blondell...

Pequena relampago, figurinha ligeira de caricatura e silhueta, Irene parece mesmo physicamente, uma caricatura de Ina Claire com uma personalidade que é um "cocktail" de Constance Talmadge e Colleen Moore, temperado com um pouco daquella fina graça de Marion Davies... tendo como "barman" a ironia de Robert Leonard.

O conjuncto de Irene não é bonito. E' gracioso mas não formoso. Comtudo os detalhes o são. Os olhos de subentendimento de Lubitsch têm um arregalar tão engraçado como só Nancy Carroll nas comedias silenciosas. Têm uma indiscreção brejeira e um alvoroço, uma volubilidade inquieta de creança maliciosa. Rodeados de olheiras, não tão lindas como as de Sally Eilers, mas que os revestem as vezes de uma gravidade curiosa, para despistar, intrigar e fazer pensar na canção "Be Careful With Those Eyes"...

A bocca pequena de boneca franceza tem um corte de labios adoravel. E o sorriso de Irene, jovial e contagioso fazendo covinhas a "la" June Clyde, possue um "que" tão ambiguo e malicioso como o de Minna Gombell, que reforça a expressão intencional do olhar e ajuda a dar a sua carinha expressões mais deliciosas e mutaveis do que os titulos do ultimo Film de Lubitsch...

Mas assim mesmo Irene não é bonita. E' sómente uma figurinha fragil e fina, magrinha e elegante, com sua carinha exquisita de gata angorá, assustada e ironica, um nariz arrebitadinho e uma moldura de cabellos louros. Mas nella o physico não importa. O que vale é a personalidade. E na de Irene ha "lots" de graça, espirito e vivacidade que ella irradia por meio de seu physico mesmo feio. (Feio mas não é Hilda Waughn, é logico!). Assim é Irene Purcell — a personalidade transforma todos os defeitos physicos em "it". Nada de seducção, nada de "sex". Tudo puro "it" na personalidade a se expandir pelos olhos.

Curioso é que ás vezes desagrada francamente — é quando sua imagem está impressa, parada, nas photographias. Mas entrando em acção, a personalidade faz-se logo sentir e reconquista. E Irene representando tem um geitinho de se fazer insinuante e subtil como ella só! E ahi está o seu segredo — uma feia que sabe a arte de se tornar agradavel mostrando que isto não é só privilegio de ZaSu Pitts. E' porque além de feia graciosa, Irene é uma feia que encanta!...

Irene Purcell é uma poesia futurista com sabor parisiense dita por uma personagem de Nel Coward... Trocadilho intelligente. Viuvinha alegre na pele de uma Cinderella. Typo perfeito da "boa bola!" Um "short" com a reticencia de Lubitsch, a ironia de Robert Leonard e o espirito de George Cuckor, synchronisado pelo rythmo sacudido de um "fox" moderno...

Irene é o prototypo da garota moderna, rapida, ousada, ironica, cheia de vivacidade no espirito e no cerebro com uma graça petulante e um romantismo leve, seculo XX. Creatura divertida que não pára em paz um minuto se não de corpo, pelo menos de espirito. Tem em si todo o espirito e a agitação de uma grande metropole. Effusiante de "humour" sadio e espontaneo, irradiando uma leve bohemia, typo em-fim da garota que sabe viver e não "vegetar"... Com seu arsinho sonso de ingenua — Lubitsch, Irene é a pequena que trata a lua de "dindinha" mas lê escondido edições prohibidas de romances. Creatura que sabe comprehender o valor do riso na vida, e faz da sua, uma boa gargalhada e sabe adaptar amor e o romance ao seu feitio "stepping out", humoristico e jovial de encarar a vida!

Irene Purcell veiu do palco mas é natural e espontanea ante a camera, e uma figurinha macia e graciosa para os olhos. Talvez o receio de enfrentar as lentes pela primeira vez fel-a mais magra e assim no seu pri-

IRENE..

(*ESPECIAL PARA "CINEARTE"*)

meiro Film, Irene não surgiu encantadora como as revistas diziam ser ella no palco, representado na peça "Dancing Partner". Seus "close-ups" principalmente não foram felizes, por isto "O Gigolô" — interpretando o mesmo papel que **no** palco — só foi exhibido no Brasil depois de "Galã da Noite", seu segundo Film, no qual estava bem mais interessante e acceitavel. Mas agora em "Salve-se quem puder!" ella está photogenicamente "da pontinha!"

Em "Galã da Noite" o papel de Irene era optimo para ella — uma adoravel viuvinha, perigosamente ironica, financeiramente fallida á procura de um marido rico...

O trabalho de Irene foi bem interessante nesta boa comedia que Sam Wood dirigiu com finura e espirito. Irene fazia rir e pensar, ora meiga ora picante, no desenrolar original e divertido do Film, com a graça saltitante de seus olhos no papel tão cheio de humor e vida. Irene trabalhou irradiando ironia e alegria, rodeada de Charlotte Greenwood e Robert Montgomery, formando uma trinca burlesca que parecia adoptar po lemma o titulo daquelle Film de Norma Shearer — "Let us be gay!"

E a graça meio maluca de Irene junto com Bob Montgomery — outro nestas condições — era tão divertida que dava-nos vontade de lhes perguntar o segredo de como saber usar com bons resultados uma loucura tão interessante, que gostariamos sinceramente de aprender e pôr em execução!

Irene e Robert em scena valiam pela piscadela de um personagem de Lubitsch...

"O Gigolô" foi um Film nada notavel mas interessante, macio, ligeiro, pontilhado de alegria e bom humor, com a boa direcção de Jack Conway — o melhor director para William Haines.

Mas este aqui estava deslocado, por isto transferi incontinente minha attenção para Irene Purcell, uma pequena com electricidade no corpo e na alma, feiosa mas curiosa num papel bem adequado ao seu typo e sua personalidade. Ella foi, com seu geitinho meio maluco e com sinceridade, Roxy — uma pequena original, que pensava cousas originaes e dizia cousas originalissimas! Desembaraçada e "sans gêne" como a propria Irene. Pequena maliciosa e irreverente, dizendo o que a sociedade chama de "inconveniencias" e aó ouvir fica assim como a mãe de Neil Hamilton em "Neste seculo XX", quando descobriu o genero de amigos de Joan... Apesar de "Just a Gigolô" ser um Film sem valor artistico e Cinematographico, como divertimento era bem interessantesinho, cheio de graça viva — e ri-me a vontade com a seriedade ironica e humoristica de Irene em momentos e scenas deliciosas: o "pic-nic", a fuga das abelhas, o tango assustando Aubrey Smith e muitos trechos de malicia bem vestida pelo director, como o final — a fuga, a vingança de Roxy e o beijo original! E tinha até uma scenasinha dramatica bem bonita, quando Jolly se retirava e Roxy ouvia os sons do lindo tango vindos do "hall" do hotel.

Irene Purcell atravessou o Film todo como uma garota extravagante, modernissima em attitudes, mas a camera de Oliver Marsh que a namorou, não lhe beijou os melhores angulos e assim o namoro foi infeliz... photographicamente. E ella já pouco bonita, só teve opportunidade de interessar pela personalidade, que aliás se expandiu bem curiosa. Mas eu gostei de Irene Purcell, recitando com graça os dialogos da peça "Dancing Partner" — de onde foi tirado o Film — cheios de gracejos ferinos e trocadilhos ironicos...

Agora em "Salve-se quem puder!", a Irene feiasinha dos outros Films engordou um pouco e ficou encantadora, até mesmo quando enfrentou o "charme" profundo e moreno de Mona Maris...

Dentro do luxo dos ambientes, a photographia de Norbert Brodine tratou-a muito bem e Irene parecia um verdadeiro "bibelot" de Sèvres electrisado! Digna heroina de Buster Keaton e sendo o Film uma comedia maluca deste comico serio, dirigida por Edward Sedgwick, pena é que o papel de Irene não fosse mais accentuadamente comico e menos dramatico e parado.

Mas assim mesmo ella esteve sempre original e viva — principalmente nos olhos. Foi o typo ideal para o papel de Patricia Jardine, a americana rica em Paris, que alugava um bombeiro para se ver livre da fatal seducção de Gilbert Roland!

Irene esteve bem na sequencia do Casino e na seguinte, em seu apartamento, mais graciosa e interessante ainda, interpretando sua parte com seu arsinho assustado e seu estylo de falar cheio de intenções ambiguas, garoto, inconfundivel e mais curioso do que um francez falando inglez com sotaque...

"Malgré tout", nem todos encontram "it" em Irene e agora ella appareceu-nos na Fox, num papel dramatico em "Aventuras de um solteirão". Versatil como é, está sincera, agradavel e conseguiu brilhar no meio de Joan Marsh, Rita La Roy e Minna Gombell... Mas eu gosto de Irene é como menina louca, cheia de ironia e graça. Ella é uma comediante adoravel e no genero em que Marion Davies é rainha, bem poderia ser alguma cousa.

Na comedia desenfreada, Irene deve ser deliciosa ou então neste genero transbordante de malicia e espirito fino como "Prá que casar?" ella seria *O. K.!* Um caracter que eu gostaria de ver vivido por Irene na tela é a Lydia, de "Colomba", a novella de Prosper Merimé, se fosse convertida em Film. Não é comedia mas é um papel irradiando alegria e bom humor. Mas isto são idealisações...

Actualmente Irene appareceu em "Crooked Circle" comedia da World-Wide que é pouco provavel vir até aqui... e fala-se que ella fará um Film para a R. K. O. Mas emquanto isto está no "dolce far niente..." Se for para engordar mais um pouquinho não faz mal, mas caso contrario não é negocio! E' preciso ser perseverante em Hollywood, Irene!

Quero que volte a apparecer em Films seguidos... mas não digo "come back" porque ha muita gente que depois de ter visto o "Medico e Monstro", ouvindo isto fica que nem o Harpo Marx quando vê uma loura...

Sei que Irene não é artigo de primeira necessidade para os "fans" mas a verdade é que muita gente não prescinde do genero em que ella é uma das mais interessantes figurinhas. E vamos dar valor ao que é: Irene bem vale um contracto, uma "chance" nova e uma comedia como aquellas de Robert Leonard, para affirmar seus meritos de comediante fina e original. Se vamos aguentar Al Jolson de volta, porque Irene não póde ficar?

(Termina no fim do numero)

Para o Carnaval...

Mulheres de cabellos de pelles vermelhas...

FRANCES DEE

DOROTHY SEBASTIAN.

JOAN PARKER

O PROXIMO NUMERO DE "CINEARTE" SAHIRA' NO DIA 15 E CUSTARA' 2 MIL REIS. "CINEARTE DO PROXIMO NUMERO EM DIANTE SERA' QUINZENAL.

E Tony entrou sem consultar a mais ninguem. Salter demonstrou surpresa e sua filha tambem. Zara, no emtanto, conhecia-lhe a voz. Era um assiduo frequentador do "cabaret" onde ella cantava. Mop admirou-se tambem. Tony, sorridente, chegou-se a Zara. Curvou-se.

— Maria...

— Mais uma vez, não é?

Olharam-se. Ella remoqueou.

— Mas quem diabo é essa Maria?

O olhar de Tony traduzia-se facilmente. Estava a gritar: — "Você não me engana ainda que o queira!"

— Afinal de contas, quem é o senhor?

Perguntou secca e severamente Salter.

— Pergunte a mesma cousa a Maria, senhor. Ella sabe. Está ahi a fingir sempre que não se lembra mais de que ha dez annos passados eu, Tony Boffi, fiz seu retrato. Vejo-a aqui e lembro-me della como se a tivesse aqui a meu lado. E' a mesma. Trajava um vestido branco, lindo, flores pensas ao lado.

— Zara?

Perguntou Salter sem reprimir um riso ironico de incredulidade.

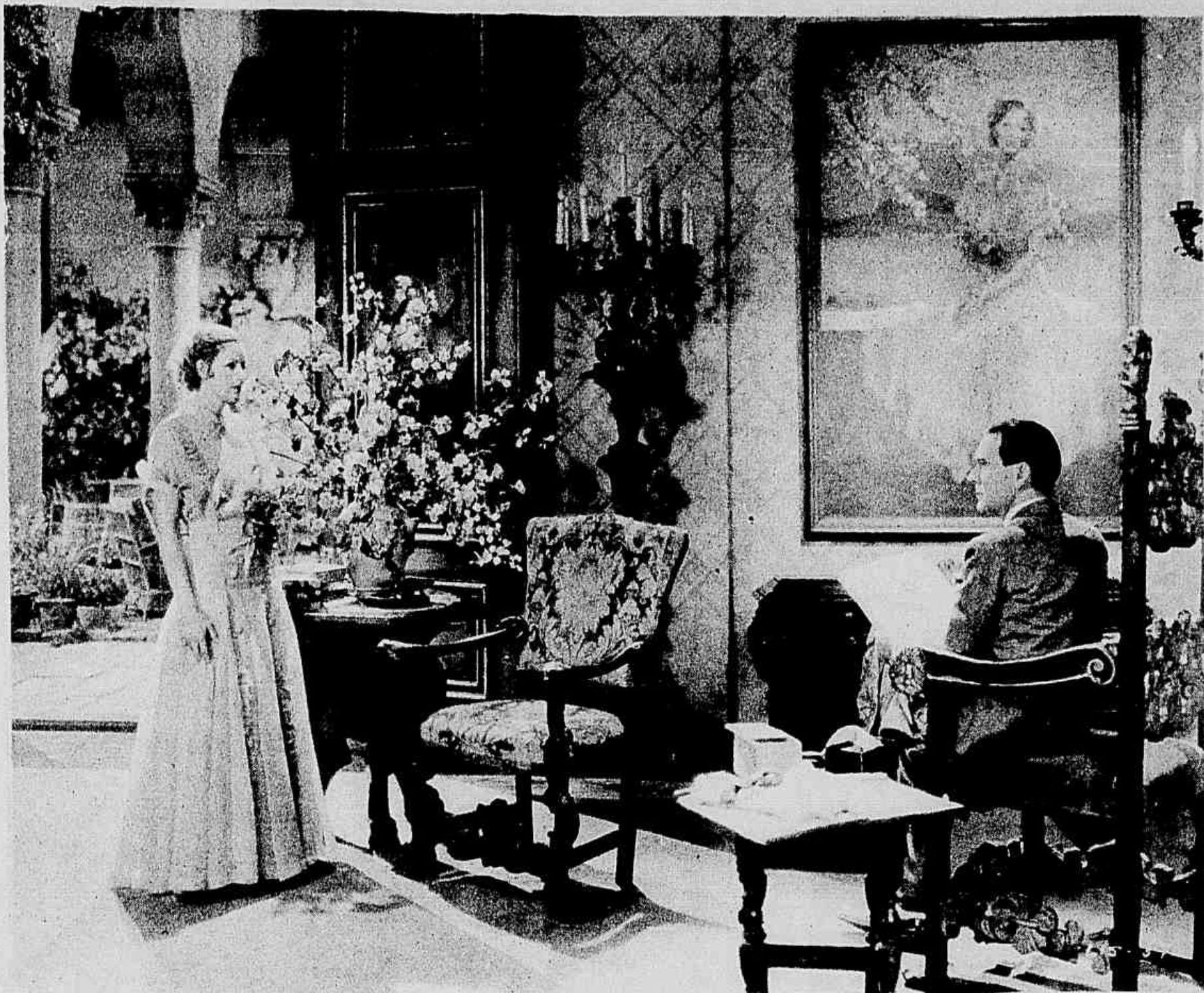
— Ao fundo da pintura estava o lago Garda.

— Na Italia?

Perguntou Mop interessada.

— Pois eu gostaria que o senhor se retirasse. Sinto-me cançada!

Zara interrompeu com aspereza. Em resposta Tony, sem que ninguem lhe dissesse alguma cousa, serviu-se de uma taça de "champagne."

— Permitte-me?

Como me Queres...

(2.º Capitulo)

— O senhor está amofinando a senhora.

Interferiu Salter.

— Ao contrario, meu amigo. Ella está é muito interessada, póde crer.

Ergueu a taça de "champagne" para Zara, como a saudal-a. A mulher investiu para elle, raivosa, arrebatou-lhe a taça dos dedos e ameaçou arremessal-a ao chão. Conteve-se. Mudou de idéa.

— Não sei quem é e nem o que quer. De toda fórma sua presença incommoda-me! Saia daqui!

Gritou.

— Nunca antes de acertarmos o nosso caso.

Tony respondeu firmemente.

— Salter, esse individuo é maluco! Ou elle é maluco ou eu vivo bebada!

Salter olhou o relogio. Confortou Zara com um ligeiro toque nos hombros. Depois falou a Tony

— E' tarde, meu amigo. Vamos adiar esta interessante palestra para amanhã, sim?

— Sinto muito, meu amigo, mas é cousa realmente importante. Talvez não saiba, mas eu lhe conto: — aqui estou para levar Maria de volta a seu esposo.

Aquillo resôou ali como se fosse uma granada. Zara tentou comprehender nitidamente o que dizia Tony. Salter chocou-se. Mop admirou-se. E Zara falou.

— Meu marido?...

— Meu amigo, advirto-o de que é um immenso caso de psychopathia...

Salter disse a Tony. Este em resposta divertiu-se numa gostosa risada.

— E é permittido a uma esposa saber qual o nome de seu marido?

Indagou Zara com sarcasmo.

— Qual! Nem siquer seu bom humor ella perdeu!

Respondeu-lhe Tony, voltando-se para Salter.

— E por que é que o senhor não responde á pergunta que a senhora lhe fez?

Emendou Salter. Tony voltou-se para Zara.

— Certamente e com todo prazer. Seu marido é o meu melhor amigo, o Conde Bruno Varelli. Telegraphei-lhe hontem á noite advertindo-o de que encontrára sua esposa Maria.

— Seja qual fôr o seu jogo, meu amigo, aviso-o de que já está começando a me amofinar a paciencia.

E voltou a vista decididamente para a porta. Zara interferiu.

— Pois eu afianço que me estou divertindo bastante...

Tony, triumphante, voltou-se para Salter.

— E o que lhe disse eu?

— Nesse caso fico sabendo que gosta de se divertir com as exquisitices de um cavalheiro maluco.

— Pois eu não acho que elle seja tal...

— Mas você sabe que não ha nessas palavras uma só que seja verdadeira, Zara!

— E o que faz o senhor ter tanta certeza assim?

— Porque, meu caro senhor, conheço-a e sei tudo a respeito della. Ella já me contou tudo quanto era humanamente possivel contar-se de uma pessoa.

— Não nem TUDO...

Remoqueou Zara

— O facto é que sei de tudo que aconteceu a você nestes ultimos oito ou nove annos...

Reaffirmou Salter, já amuado e disposto a reagir.

— Mas meu amigo, não lhe disse que isto acontecêra ha dez?

Todos silenciaram. O proprio Salter tomou interesse novo na questão.

— Durante a guerra...

Falou Zara, baixinho, como se falasse para si mesma. Tony ficou serio pela primeira vez e, encarando-a respondeu.

— Sim, durante a guerra. Bruno voltou e encontrou o lar destruido totalmente por um incendio e nunca mais a viu. Maria.

O rosto de Zara, ouvindo aquillo, tinha a impassibilidade de uma mascara.

— Durante quasi um anno elle andou proximo da loucura. Você comprehenderá isto, Maria, porque você sabia o quanto elle a amava.

Zara continuava impassivel. Tony approximou-se della. Salter limitava-se agora á observação.

— A principio tentamos delle occultar a verdade.

— E qual era a verdade?

Perguntou Salter. Tony voltou-se para elle, quasi rude, outro homem e terminou vibrantemente aquillo que vinha dizendo com calma.

— Sua esposa de semanas, apenas, tinha sido violentada por soldados bebados de occupação durante o primeiro periodo de invasão. Violentada com brutalidade indescriptivel. E juntamente com esses soldados foi arrastada sabe Deus para onde...

Salter não conteve o riso. Zara, ouvindo-o rir, despertou. Olhou Tony. Poz-se a falar, nervosa.

— Você vê? Elle não crê em nada. Ri de tudo! De tudo! Por isso mesmo é que elle é o pessimo individuo que é...

Aquillo enfureceu Salter. Avançou para ella na intenção de a fustigar.

— Fecha essa bocca, sua...

Tony, sardonico, interpoz-se.

— Está com os nervos muito gastos, meu amigo. Por que não procura um medico especialista?...

Salter voltou-se violentamente para elle. Algo daquelle sorriso calmo do rapaz fel-o deter suas intenções. Zara poz-se a desafiar o amante.

— Não o temo. Já estive em plena guerra. O que deve amedrontar-me, pois?

— Maria...

Interferiu Tony com carinho.

— Vou leval-a commigo. Bruno espera-a. Ha dez annos que elle espera!

— Outras já têm conseguido sahir da lama. Talvez não seja ainda muito tarde para mim...

— Mas o que elle lhe offerece, Maria, é que entre pela sua vida onde a deixou. Nada do que aconteceu interessa-lhe.

— E dessa fórma o senhor volta ao agradavel assumpto da invasão, não é?

Indagou Salter, cynico.

— Pois ella, cada vez que a descreve, fal-o de maneira diversa. Ha até uma dessas invasões em que a cousa termina com a casa incendiando-se, exactamente como na sua versão, meu amigo...

— E' possivel que eu a descreva cada vez differente da anterior. Jamais me lembro do que contei... O facto é que a invasão foi uma só e a mesma.

Salter aborreceu-se com o que Zara disséra.

— Devo quasi crer que elle não sabe comprehender suas palavras, Maria.

Disse Tony, olhando Salter.

— Maria!...

Riu Salter.

— Ella sabe perfeitamente e de sobra que nada tem de commum com essa Condessa ou cousa que a valha. E muito menos sabe quem o senhor seja.

— Pois eu sei! Elle é Tony, o melhor amigo do meu marido.

Gritou Zara.

— E agora ha momentos você se riu delle...

— Eu não queria que elle me reconhecêsse.

Ao dizer isto, Zara fez despertar qualquer idéa em Salter e elle vibrou-a pelos labios como se fosse chibatadas crueis.

— Mentirosa. Impostôra! Você não é essa mulher e sabe perfeitamente isso.

— Eu sou.

— E eu a vou reconduzir ao marido.

— Engana-se, meu amigo. Ella não vae. Quem vae sahir daqui e sahir já é o senhor.

E Salter enfureceu-se novamente.

— Não poderá tel-a sem sua livre vontade.

— Não?...

— E o senhor, meu amigo, precisa ser tão melodramatico assim? Vá arranjar suas cousas, Maria.

Salter, ao ouvir Tony dizer isso, encaminhou-se para sua secretaria e della tirou um revolver. Zara voltou de onde estava. Mop, que fôra fazer café para Zara, chegava naquelle instante á sala. E fôra ella que vira a attitude violenta de Salter e advertira a amante de seu pae com um grito.

— Elle não ousará atirar. Não tem coragem para tanto. Está prompto?

Perguntou ella a Tony, voltando-se para elle. Salter olhava-a e tinha sinistra intenção na expressão de seu olhar.

— Zara, elle a matará!

— Você me vae matar, Salter?...

Salter poz-se a olhal-a com os olhos esbugalhados ao passo que ella passava por elle absolutamente calma e indifferente. Mop observava apavorada.

Salter, enfurecido, atirou. Zara escorregou pela porta. Tony approximou-se para contel-a. Fôra ferida no hombro. A coragem daquella mulher era uma cousa impressionante. Voltou-se para Salter e, olhar frio, disse.

— Você está realmente nervoso, meu amigo...

— Vamos depressa!

E Tony assim dizendo apanhou-a em seus braços e deixou a casa.

(Continúa no proximo numero).

Estará Marlene seguindo seus proprios impulsos?

Estará ella se voltando para a curva errada do caminho?

Está sendo habil ou estará sendo prejudicial a si propria não permittindo que outro a dirija a não ser Josef Von Sternberg?

Marlene Dietrich acha-se em Hollywood ha dois annos. Durante este periodo, fez apenas tres Films. Apesar desse curtissimo periodo, é ella uma "estrella" de primeira grandeza. Com apenas tres Films ella attingiu á altura de uma Greta Garbo ou qualquer outra desse mesmo nivel. O publico aprecia um Film seu por anno e, apesar disso, consagra-a como uma das melhores. Será bem difficil explicar realmente o que significa o phenomeno.

Mas qual será ao menos uma ligeira explicação? Será "narcizismo" de Marlene por si propria? Ou será o poder intellectual de Von Sternberg, o homem que transforma seus Films, diante da emoção das platéas em maravilhas que se admiram como a musica moderna e a pintura das côres mais exoticas?...

O mais curioso, ainda, é que todos sentem, nos Films de Marlene-Sternberg, uma frieza absoluta de sentimentos emocionaes e, apesar disso, nunca se os esquecem...

Já houve muita gente em Hollywood interessada em conhecer realmente o que se passa com o grande director austriaco e a esplendida "estrella" allemã. Mas apesar disso muitos acham que ella devia experimentar a direcção de outro talento e, isso, mais para sahir da monotonia de um mesmo rythmo do que outra cousa qualquer. E os que pensam assim, pensam, tambem, que ella ainda não deu ao Cinema nem a metade daquillo que como artista póde dar, porque Sternberg é um homem para dirigir figurantes e não artistas.

MARLENE, MARIDO E FILHA.

DIFFERENTE... EM CASA

E ainda existem aquelles que acham ser Marlene não apenas o éco da voz de Sternberg, como, tambem, este director genial seu proprio espirito, sua propria respiração. Seu tudo, em summa. E tambem ajudam muito a opinião que ajuiza mal desta amisade que já é longa e até agora não foi claramente explicada.

Marlene Dietrich, no emtanto, é um typo de mulher que sabe o que quer porque quer. Nada faz sua opinião mudar, quando a tem formada em solidos principos. Ella tem como credo que o director Sternberg é o unico capaz de a dirigir efficientemente. E já provou a densidade de sua determinação quando recentemente degladiou-se com a Paramount oppondo-se ao desejo desta de a ter dirigida por outro. Longe de seguir ordens do Studio, poz-se a fazer o opposto exactamente e venceu.

Foi preciso coragem e mesmo audacia. O golpe poderia ter redundado em "lista negra" para todos os productores, o que ha frequentemente em Hollywood. Mas revelou, primordialmente, qualidades invejaveis de devoção e lealdade.

— Jamais serei dirigida por outro que não seja Von Sternberg. Elle é um artista e eu quero seguir seu credo.

Encontrei Marlene, outro dia, numa festa á qual comparecemos ambos nos salões da senhora Oscar Strauss, esposa intelligentissima do notavel compositor que agora honra Hollywood com sua presença. E foi lá que ella me disse a phrase acima e outras que formam esta entrevista ou mais ou menos isso. O casal Strauss estava de viagem de passeio a Berlim e por isso a festa tinha duplo sentido para Marlene. Conversar e mandar pelos hospitaleiros musicistas saudades e palavras suas ás pessoas aparentadas e amigas da Allemanha.

Marlene estava mais linda do que nunca no vestido em que nos appareceu. Camelias grandes ornavam-lhe o dorso. Ella é espiritual no aspecto e muito curiosa no seu todo. Digna de ser observada e até estudada com carinho.

O facto é que Marlene, em Hollywood, é uma das criaturas mais admiraveis e intelligentes que se conhecem. E pouca gente a conhece além dos membros da colonia que são todos muito unidos. Mas mesmo para estes apparece ella pouquissimo.

— E' um de meus defeitos: — não faço amisades com rapidez. Além disso eu tenho Maria commigo e ella me toma enorme parte de meu tempo. Garanto-lhe que ella é tudo para mim, na vida. Ella, meu trabalho e minha familia são a minha unica devoção, na vida. Na Allemanha tenho amisades. Mas póde estar certa de que foram precisos varios annos para conseguil-as. Jamais me recordo de uma amisade por mim feita á primeira vista.

Marlene é typicamente continental. Em tudo, principalmente no seu modo encantador de se mover e de falar. Ella tem, apesar de toda a malicia do seu aspecto, muita simplicidade, o que é sem duvida extraordinario.

Como Greta Garbo, vive ella em certa reclusão. Nada ha de mysterioso nisso, no emtanto e, sim, é o aspecto geral do estrangeiro que se refugia dentro de seus proprios methodos de vida. A mulher européa, além disso, é naturalmente reservada. A mulher americana é o opposto, é aggressiva.

A noitada que passei com os Strauss, para mim, tornou-se dessa fórma duplamente inesquecivel. Pela hospedagem régia e pela conversa mais do que agradavel que mantive com essa criatura deliciosa e mal comprehendida que nada mais é do que uma criatura fina, educada e com todo o modo distincto e inconfundivel da européa culta.

A conversa, no emtanto, foi mais feminina do que outra cousa. Qual a melhor modista de Berlim. Qual o ultimo modelo em voga. Qual o chapéo mais usado. Que tal os costumes de Hollywood e sua elegancia. E mais isto e mais aquillo. Mas no meio dessa conversa toda eu ia percebendo claramente o aspecto immenso dessa mulher divina que é a adoravel Marlene sem "make up" e sem Lee Garmes atraz de uma "camera" pedindo-lhe a exacta expressão para o "close up" bem illuminado...

A chuva, lá fóra, martellava o sub-consciente distrahido como um longinquamente executado Bolero de Ravel, de rythmo pesado e intensa poesia... E a conversa passou de modas para musica, de musica para pintura, de pintura para arte e da arte grosseiramente cahiu no prosaico assumpto de cozinha e cozinheiros, bolos, doces, etc... E foi ainda assim que melhor consegui observar a moça e adoravel esposa de Rudolph Sieber. Na bolsa tinha ella uma photographia de Maria e outra do pae. Não as deixa. Exhibiu-as. Via-as mal. O sufficiente no emtanto para dizer qualquer cousa e observar o jubilo intimo e indisfarçavel dessa mulher que tanto venera pessoas de seu coração.

Maria já toca piano. E Marlene contou-me que ainda espera que ella seja uma pianista authentica. E que esse é seu desejo, porque adora a musica. Quando Marlene está Filmando qualquer cousa, no emtanto, Maria perde muito da companhia de sua Mãezinha. E' que sómente Nazimova tinha esse capricho que Marlene tem: — acompanhar a menor phase da progressão de um Film seu, da Filmagem ao laboratorio e ao córte, em seguida. Ella e Von Sternberg não sahem de lado do Film e deixam-no apenas quando está realmente prompto para ser exhibido. E o interesse que ambos tomam é profundo, intelligente, apaixonado. Isto é tanto mais curioso de se observar, quanto mais se sabe que ella não é productora e nem mesmo interesse tem no Film (a não ser o artistico, é logico; esta explicação é para os trocadilhistas...) Mary Pickford e Gloria Swanson fazem isso, mas o caso dellas é outro, porque os Films em questão pertencem-lhes.

Tem um subtil espirito de ironia e é esta uma qualidade que bem poucos lhe conhecem. A primeira impressão que ella dá é de ser uma "aloof", uma criatura de serenidade beatifica, uma mulher aborrecida de tudo e de todos. Se ella continuar em Hollywood, sem duvida será interessante saber até quando será ella dirigida pelo talento de Von Sternberg. E, tambem, a que alturas elle a elevará.

Os allemães andam ansiosos para que ella regresse e vá fazer Films para seus patricios e sua patria. Marlene está, além disso, com saudade de sua terra e sua gente, parentes e amigos.

— Se ficar aqui muito tempo, esquecem-me...

Brincou ella quando me disse isso.

— E eu admitto tudo menos o esquecimento. Meu contracto reza seis mezes em Hollywood e seis mezes na Allemanha. E' possivel que eu indo para casa, agora, não volte mais...

Marlene é uma criatura tremendamente devotada, leal, sentimental. Ella é realmente muito mais humana do que seus Films têm mostrado. Seu novo Film VENUS LOIRA é o que mais revela essa faceta de seu temperamento artistico. Não é possivel saber qual a opinião do publico e se elle apreciará immediatamente ou não este modo de mudar de caracter. Apenas depois do Film correr mundo é que se poderá saber ao certo.

Mas o publico que a estima e admira, que tenha olho nella. Decide-se agora sua carreira. Ou continúa, triumphal, ou volta para a Europa para sempre. E observar é sempre uma coisa curiosa.

"Pier 13", da Fox, tem o admiravel Spencer Tracy e Joan Bennett.

\+ + +

Lembram-se daquelle galã mais inexpressivo do que uma porta... que Gloria Swanson teve ha annos em "Folia" — Anthony Jowitt? Pois elle volta agora no Film de Clara Bow — "Call Her Savage", da Fox...

\+ + +

"Mlle. Modiste" vae ser refilmada de novo... Foi um dos peores Films de Colleen Moore, lembram-se? A nova versão será em duas partes com Bernice Claire... como as operetas estão terminando...

Pergunte-me outra...

DE SUZY VERNON E IMPERIO, ARGENTINA, PARA CINEARTE...

TIGRINA (Rio) — E' tão raro encontrar-se "fans" que se lembrem destas figuras inesqueciveis do passado que eu até admirei-me quando li a sua pergunta por Mary Mac Laren, a "Formosa Mendiga"... Mary Mac Laren, que pequena admiravel ella foi! Ha pouco, o conhecido director Ben Stoloff foi descobril-a, entre as "extras" de "The Devil Is Driving", da Paramount! Interessou-se muito por ella, auxiliou-a neste seu pequenino trabalho, o primeiro que Mary realizou nos "talkies" e prometteu-lhe um papel melhor num dos seus proximos Films. Pobre Mary Mac Laren... ella bem merece isso.

VISCONDE DE S. LUIZ (Rio) — Sim e no proximo numero "Cinearte" já apresentará parte das novidades promettidas... Será quinzenal agora, com augmento de preço para 2$000 mas compensado com maior numero de paginas e artigos dos mais interessantes que já se publicaram, além de varias surprezas e innovações...

EDELWEIS (Porto Alegre) — Naturalmente a critica é uma funcção pessoal e os pontos de vista variam. Temos demonstrado em todas as occasiões e opportunidades a nossa independencia e será desnecessario, senão ridiculo, discutir este ponto. Os Films que cita, na verdade, na minha opinião tambem, não, passam de "bons", sendo que á respeito do ultimo, não póde ser levada em consideração a qualidade que cita E' engraçado, na semana passada, um leitor nos escreveu observando justamente o contrario. E neste juizo ainda podemos pensar que a amiguinha é paga para defender a empresa, porque só á ella se refere...

AURELIANO TEIXEIRA (Lins) — A primeira não, a segunda já foi. Tamar não. Elisa, não sei. Tambem não sei se enviarão. Dessas quatro apenas Carmen Santos está trabalhando. As outras retiraram-se do Cinema. Carmen: Cinédia-Studio, rua Abilio, 26 — Rio.

ZEZE' (Jacarehy) — "Avante, sempre avante!" está esplendido. Então o "Rio Branco" continúa exhibindo velharias...?

LI-GOO (Porto Alegre) — O director artistico é o que se encarrega dos detalhes das montagens, etc. Cedric Gibons o marido de Dolores Del Rio, por exemplo, é director artistico desde os antigos Films da Goldwyn. Sim, ella chegou, mas não sei se voltará ao Cinema, pelo menos com a Cinédia. Então o "Som" está agradando...? Já tinha verificado isso e pedido ao Jack Quimby para continuar e como deve ter visto, já sahiu outro. Logo que assistir mande-me uma apreciação sobre o novo Film gaucho. Até logo "Li-Goo".

JOSE' GONÇALVES (Santarem) — Não, eu tenho gostado dellas. E tenho respondido até cinco perguntas pelo menos... Lamento a situação do Cinema ahi. Santarem, sem duvida alguma merece o que você reclama mas eu nada posso fazer... Sim, respondo, depois de sahir publicada a resposta anterior. Durval já terminou o seu trabalho até. Nada sei de Ernani e aquellas duas a primeira retirou-se do Cinema e a segunda não tem trabalhado. "Onde a terra acaba" e "Ganga bruta" já estão promptos e serão estreados lá para Março. E já respondi cinco perguntas...

ARMANDO (Curityba) — Entreguei o seu retrato para a Cinédia. Mande entretanto, endereço e demais dados. E' difficil realizar o que deseja e isto aqui não é o que muita gente julga...

CECY (Santos) — Depois de "Son Daughter" Ramon Novarro fará para a Metro — "Man on the Nile". William Haines e Madge Evans estão juntos em "Fast Life", da mesma fabrica.

SVENGALI 2. (Curityba) — Elle diz a mesma cousa que tem dito nas entrevistas. Acha Hollywood, admiravel. Sim, "trucs" e aquillo é tão gozado que Fredric até fica furioso quando o gozam naquelle monstro... Sim, impressiona mais do que Karloff. Sahirão quando houver boas photographias. Lew: Universal City, California. E já respondi cinco perguntas "Svengali"...

DEFENSOR (Rio) — Sim, tem razão. O Cinema póde ter os seus effeitos maleficos, mas educa, instrue e causa mais beneficios á humanidade do que qualquer outra cousa. Agora mesmo o Rev. Harry Cotton, em uma reunião da "Women's Association", de New York, declarou que "o Cinema Americano exerce entre as populações do Extremo Oriente, maior influencia do que a palavra dos missioneiros." Esse padre chegado recentemente da China, fez observações que o assombraram. Deixe os eternos inimigos do Cinema, falarem...

CLAIRE FAN (Rio) — Sim, Claire Windsor ainda trabalha. Figura em "Self Defense", da Monogram, com Pauline Frederick, Theore von Heltz Barbara Kent e Henny B. Walthall.

SILVA JUNIOR — Carmen Santos: Cinédia-Studio, rua Abilio, 26 — Rio.

FERRABRAZ (Recife) — Muito obrigado, mais uma vez. Vou publicar.

DELICIOSO (Belém) — Constance: Columbia-Studios, Gower Street, Hollywood, California. Ruth: United-Artists-Studios, Melrose Avenue, Hollywood, California. Anita e Irene: Universal City, California. Marguerite: Fox-Studios, Western Avenue, Hollywood, California.

JOHNNY FAN (Rio) — No numero passado o seu pedido foi satisfeito... Aquellas outras paginas voltarão e teremos algumas surprezas tambem. Volte de novo, "Johnny"...

Edmund Lowe, Victor MacLaglen, El Brendel e Lupe Velez formam o elenco de "Hell to Pay", comedia que dizem ser impagavel, e cuja direcção está a cargo de John Blystone. Charles Farrell terá o papel de protagonista em "The Face in the Sky", que apresentará o primeiro trabalho de Harry Lachman, nos Films americanos. Harry, na Europa, dirigiu Films em Londres e Paris. Janet Gaynor está a terminar o seu papel em "Tess of the Storm Country", ao lado de Charles Farrell; Clara Bow, idem, em "Call her Savage", George O'Brien, idem em "Robber's Roost".

+ + +

"He Learned About Women" (Paramount) — Rara é a semana a que não vou ao Studio da Paramount, assistir a uma "preview". Ambiente esplendido, onde sempre estão artistas e todos os representantes da imprensa local — e "Cinearte".

+ + +

Vivienne Osborne foi accrescentada ao elenco de "Luxury Liner". Wynne Gibson e David Landau são os principaes em "The Crime of the Century". Ambos os Films são da Paramount.

HAROLD era um "fan" da pequena cidade de Littleton, differente de todos os seus collegas, para os quaes os Films de "cow-boy" constituiam a razão de um fanatismo egual ao delirio do publico carioca, nos aureos tempos do Cinema Iris, com os Films de Rolleaux... Harold não gostava destes cavalheiros com cavallos intelligentes e armas de munição inexgottavel... Para elle, o Cinema eram os Films de salão, com ambientes "chics" e galãs apaixonados... E elle tinha um desejo louco de vir a ser, um dia, um destes galãs!

Lia revistas Cinematographicas com o mesmo enthusiasmo com que ia ver os Films. Lia tudo! Menos os artigos sobre Tom Mix... Em casa, parecia uma conhecida "estrella" brasileira, nos velhos tempos... estudando expressões, representando... e... visualisava em todos os detalhes do ambiente de sua casa uma montagem de Studio... A lampada da cozinha era um microphone... A machina de côar café, de sua mãe, a "camera"... etc...

Um dia elle leu na pagina de uma revista de Hollywood um artigo de um tal Mr. O'Brien, gerente da Planeta-Pictures, em que este se queixava da "crise" por que passava a industria de... typos novos.

E Harold viu nisso uma perspectiva de se apresentar ao Studio do tal articulista... Quem sabe se elle não era um typo aproveitavel...?

Não importava se a Planeta era uma empresa independente... o que interessa-

(M O V I E   C R A Z Y)

FILM DE HAROLD LLOYD

Harold Hall	*Harold Lloyd*
Mary Sears	*Constance Cummings*
Vance	*Kenneth Thomson*
Mr. O'Brien	*Spencer Chartors*
Mr. Kitterman	*Robert Mc Wade*
Encarregado do "test"	*Harold Goodwin*
Vampiro	*Mary Doran*
Os paes de Harold	*De Witt Jennings* *Lucy Beaumont.*

Direcção de CLIFE BUCHMAN

va é que ella fazia Films. Fossem elles "deste" planeta... ou não... não vinha ao caso!

Harold não perdeu tempo e escreveu uma longa carta a Mr. O'Brien, na qual falou da melhor maneira possivel para deixar o gerente do Studio de bocca aberta com os seus conhecimentos "technicos", adquiridos na leitura de revistas... E juntou um dos seus melhores retratos!

Mas antes de lançar a carta no correio, o seu pae a leu, levado pela curiosidade do endereço, durante um momento em que o rapaz, por qualquer circumstancia, a deixou sobre a mesa. E o velho Hall, quando collocou o enveloppe novamente sobre o movel, fel-o tão desastradamente que o retrato cahiu o chão... Quando Harold voltou, deu pela falta da photographia e teve que usar outra. Mas com a cabeça no ar, como andava, cheia de Hollywood... em vez de pôr um retrato seu, mandou um retrato de um artista da sua collecção de "fan"!

E a carta seguiu o seu destino...

Dias depois, Harold recebia a respos-

ta de Mr. O'Brien e que resposta! O gerente do Planeta Studio achara-o aproveitavel. E chamava-o para fazer um "test"...

Harold, ignorando a troca do retrato, certo de que O'Brien gostara da sua photographia, tratou de embarcar no primeiro trem, para a California...

\+ + +

Ao chegar a Hollywood, na propria "gare" da estação, Harold travou logo conhecimento com um "unit" Cinematographico. Estavam Filmando uma scena amorosa entre uma pequena hespanhola e um cavalheiro com cara de villão... Havia muita gente curiosa, mas todos estavam distanciados do campo das lentes da machina por assistentes do director. De repente, o director pede a um assistente que convide alguns curiosos, para apparecerem na scena seguinte. Harold entra entre elles, a muito custo. Mas a scena amorosa ainda tinha detalhes, que estavam sendo Filmados.

E um delles era uma rosa que a heroina deixava cahir ao chão, para o galã apanhar... Harold, pensando que aquillo era um descuido da pequena, apressa-se em apanhar a flor e estraga

a scena... Outros incidentes semelhantes fazem com que o "cinemaniaco" seja expulso do "set", pelo director. Mas o rapaz até já se esquecera de que viera para falar com o gerente da Planeta e fica de longe, apreciando a Filmagem. Não perde de vista a pequena hespanhola... Já estava enamorado da "estrella!"

Só quando a Filmagem terminou é que elle rumou para o Studio da Planeta.

Imaginem o seu desapontamento quando o "casting" lhe oppoz entrada no gabinete de Mr. O'Brien, apesar dos protestos e "provas" que apresentou... Por fim elle consegue entrar na sala do gerente e só então vem a descobrir o engano no retrato que mandara.

Mr. O'Brien, entretanto, tinha bom coração e consentiu que elle fizesse um "test". Sabia que esse "test" seria um fracasso, como realmente foi, e assim amenisaria a desillusão de Harold.

Ao deixar o Studio, elle se encontra com a pequena "hespanhola", mas não a reconhece. E' que Mary vem sem "make-up". Mas se ella não parece a pequena anterior, se não tem o "salero" da heroina daquelle idyllio que Harold viu Filmar, é tão encantadora quanto aquella e o rapaz tem logo um novo "amor á primeira vista"... E a situação é favoravel a Harold: Chovia a cantaros e Constance Cummings luctava por levantar a capota do seu automovel... Harold a auxilia e depois, como ficára todo molhado, ganha um convite da actriz para ir á sua casa, onde ella lhe offerece um pyjama, emquanto a roupa delle secca na lareira... Harold estava radiante! E como bom "fan", ao lado de Mary, emquanto a roupa seccava, pensava comsigo mesmo: "tal qual Greta Garbo em "Suzan Lennox", na casa de Clark Gable..."

Estava elle "sonhando"... quando batem á porta! E' o actor Vance, o "leading" de Mary, que chega como

MANIACO

de costume, ébrio, e quer que a pequena saia com elle. E' ahi que o "cinemaniaco" tem que representar a sua primeira scena de heróe romantico...

No dia seguinte, Mary vendo que Harold não a reconhecera sem a "maquillage", gosa-o, dizendo-lhe que sabe da sua paixão e de... seus amores com uma actriz hespanhola... e que por isto já está sentindo ciumes delle, Harold...

Harold pensa comsigo: "Que curiosas são estas mulheres de Hollywood! Adivinham tudo o que a gente faz..."

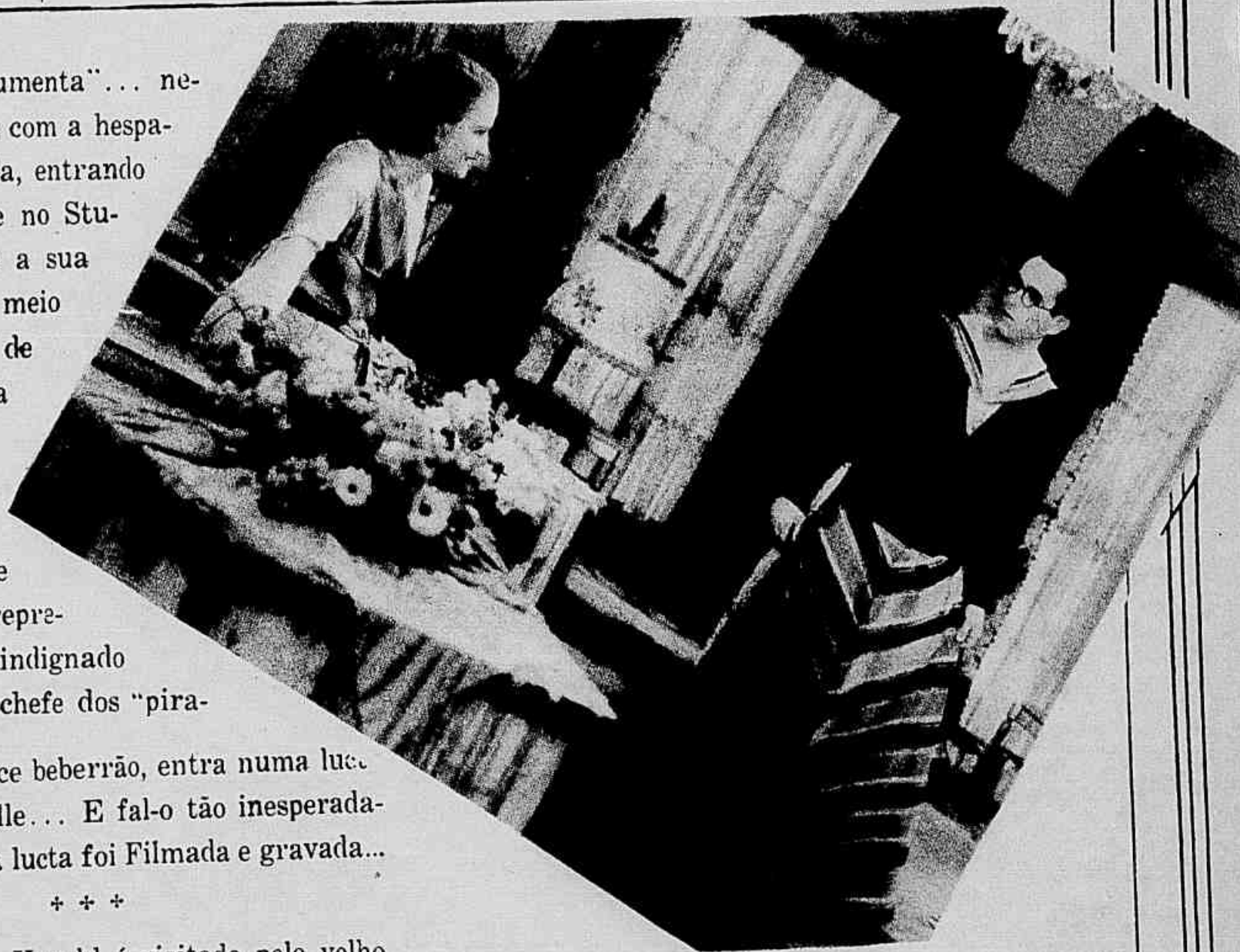
Emquanto isso, o ébrio Vance jura vingar-se de Harold Hall, apaixonado ao mesmo tempo por "duas mulheres"...

No Studio encontra-se com a hespanhola e lhe nega a sua paixão pela outra: em casa de Mary, cada vez mais "ciumenta"... nega-lhe os amores com a hespanhola... E um dia, entrando clandestinamente no Studio, depara com a sua hespanholita, no meio de um grupo de "piratas" que a levam para a forca... Harold, mais uma vez, pensando que aquillo é tudo representado e mais indignado ainda porque o chefe dos "piratas" é o tal Vance beberrão, entra numa lucta tremenda com elle... E fal-o tão inesperadamente que toda a lucta foi Filmada e gravada...

* * *

Mais tarde, Harold é visitado pelo velho Kitterman, presidente da Planeta. Elle vira o trecho Filmado da lucta entre Harold e Vance... Harold, encabulado, quer explicar que fizera aquillo pensando defender Mary... mas o velho não quer saber de nada, o que deseja é contractal-o!

Mary, que se achava presente, fica radiante e demonstra ao nosso heróe como o ama, puxando-o para um canto da sala para um beijo... mas Kitterman o chama: primeiro a sua assignatura no contracto...

* * * Tommy Conlon, aquelle garoto admiravel, protagonista de "No portal da vida", tambem foi incluido no "cast" de "No Man of Her Own", de Carole Lombard e Clark Gable, da Paramount.

A maravilhosa Hollywood que eu conheço

(Conclusão)

Por isso Hollywood é um logar admiravel para o "fan" viver e sentir Cinema — não ha outra parte do mundo que possa superar a cidade das estrellas. E' aqui que se fazem obras de arte, espectaculos surprehendentes como "O Signal da Cruz", esse Film excepcional que De Mille acabou de realizar...

É aqui que se tecem intrigas amorosas deliciosas e levemente picantes... como Mamoulian fez em "Ama-me Esta Noite" e Lubitsch em "Trouble in Paradise," um Film que ninguem deve deixar de vêr, tão esplendido, tão estupendo elle o é!

E... entrar num "office" de uma figura como Lubitsch ou Mamouliam e ouvir dos labios de ambos seus planos, suas idéas sobre Cinema. Receber de De Mille um agradecimento por um elogio, merecido aliás — ao seu talento, ao seu conhecimento e seu labor!

E' tudo isso que me prende, mais do que nunca a Hollywood, onde a par de todas estas sensações — ha outras ainda que sómente o "fan" pode sentir e comprehender. Uma noite fui ao Hollywood Bowl — onde a musica é admirada por milhares de pessoas nesse amphitheatro em plena natureza.

E' um espectaculo que ninguem mais póde esquecer. O céo brilha, recamado de estrellas — a multidão, em silencio, ouve a orchestra... e a musica sobe pelo ar, enchendo, dando quietude, belleza e encanto sem par...

Agora — um espectaculo como este tambem se póde ouvir no Rio, no Municipal, pelo Burle Marx... em New York, regido pelo Toscanini, em Berlim, Vienna... mas na platéa, ali bem ao lado de você, meu caro leitor, por certo que Ramon Novarro não estará... nem Kay Francis... nem Marie Dressler... É por isso que Hollywood é que eu coque eu conheço, artistica, differente, offerecendo mil motivos para um goso todo especial!

E — agora entremos num theatro — no palco, uma artista do quilate de Billie Burke, prendendo a platéa ao seu menor gesto. Como é simplesmente adoravel!

E — nos intervallos, pelo "hall" — a gente esbarra em Neil Hamilton, em Tallulah Bankhead... em Nancy Carroll. Pede-se desculpas... por haver pisado o pé de Leo Carillo... ou ter deitado o chapéo de Samuel Goldwyn ao chão...

E — entre um momento ou outro, emquanto a peça se desenrola no palco, a gente admira o perfil fino aristocratico de Frances Howard... lembrando, com saudades, o Film tão lindo que ella pousou ao lado de Adolphe Menjou e Ricardo Cortez.

Vêem? — as estrellas não vivem escondidas em suas casas principescas — ellas se misturam com todos. Recebem os cumprimentos, sorriem — falam, enchem a cidade de belleza, de encanto, de formosura!

Não é, portanto, maravilhosa... essa Hollywood que eu conheço?

Muito se tem falado da miseria, das lagrimas, do lado triste da cidade do Film, como se isso fosse "patente" de Hollywood...

Mas de todas as verdades que se têm dito e escripto sobre a vida dos extras — sobre a miseria que passam, — alguma cousa ainda ha que se não disse nem escreveu.

Ha em Hollywood muitos extras que, por natureza, são indolentes, pois, sabendo como é difficil o trabalho nos Studios, em vista de milhares, senão quasi um milhão desses — continuam a viver aqui. Não querem abandonar a cidade — por um motivo tolo e futil de orgulho... profissional!

Eu tenho-me encontrado com muitos— e lhes pergunto: "Mas, por que você não volta para casa? Sua familia tem meios... está prompta a pagar a pasagem de volta..."

"Não — não posso voltar. Deixei tudo para vir tentar o Cinema! Agora, não posso voltar. Só o farei quando fizer dinheiro... "E elles ficam aqui a vida inteira, soffrendo, passando fome, miseria... Vieram para Hollywood por sua livre vontade, jogando a sorte — queriam ser estrellas, astros famosos, sem que para isso tivessem qualidades. Esta é uma verdade dura, mas, por isso mesmo, não deixa de ser verdade.

E ficam perambulando pela cidade — enchendo-a de suspiros, lavando-a em suas lagrimas.

Agora, meus caros leitores — Hollywood tem a culpa disso? Não ha cidades infelizes nem desgraçados — ha homens que procuram a desdita por suas proprias mãos... e elles, porventura, merecem que se os endeuse, que para elles se levante um altar, incensando-os como pobres martyres da tyrannia de uma cidade? Todos falam sobre o lado dos "extras" de Hollywood — e os que vieram para aqui e conquistaram fama, fortuna, nome, posição?

Os que trabalharam arduamente, soffreram, mas venceram. Carlito... Hal Roach Harold Lloyd... estes dois ultimos foram extras, tambem... mas subiram, tiveram sorte e não foi Hollywood que os fez — elles se fizeram! Hollywood aqui está — cheia de opportunidades, como qualquer outra cidade do mundo, tambem cheia de adversidades... como qualquer outro centro mundial. E' da vida... e do proprio mundo e não uma qualidade toda especial, que, muitos e muitos, querem applicar, tão sómente, á capital do Cinema!

E o seu lado bonito — as suas diversões — os seus ambientes de luxo, de sonho, de romance?

E as noites do Cocoanut Grove, repletas de mil sensações — com o espirito da aventura, de deliciosos momentos a pairar sobre os convivas que dansam... dansam pela noite a dentro?

E o "grill" do Biltmore Hotel, com a orchestra de Stanley Smith... e o "Blossom Room" do Hotel Roosevelt, com suas noites cheias de poesia?

E é nestes logares que a gente encontra o mundo elegante bonito — da cidade das estrellas.

Mulheres lindas, perfumadas, elegantes... scintilando em suas joias, sorrindo, enchendo o ambiente de distincção, de encanto e belleza!

Desillusões... desenganos... decepções... não sei...! Hollywood, com certeza, para não me dar um grande desgosto — desgosto a um "fan", as tem escondido de mim, todo este anno que já vivi aqui.

E... tambem são boas risadas que a gente dá. E' em plena rua!

Lá vem o Henry Armetta, a balançar o seu corpo, naquelle seu andar tão conhecido das comedias. Um bom "fan" póde deixar de soltar uma gostosa gargalhada?

E a situação embaraçosa em que vi o Max Davidson, guiando o seu carro, em meio a um trafico tremendo? E elle, com a sua barbinha, e o seu côco inseparavel — estava furioso... tal qual naquelle velho Film de Jakie Coogan e Joan Crawford...

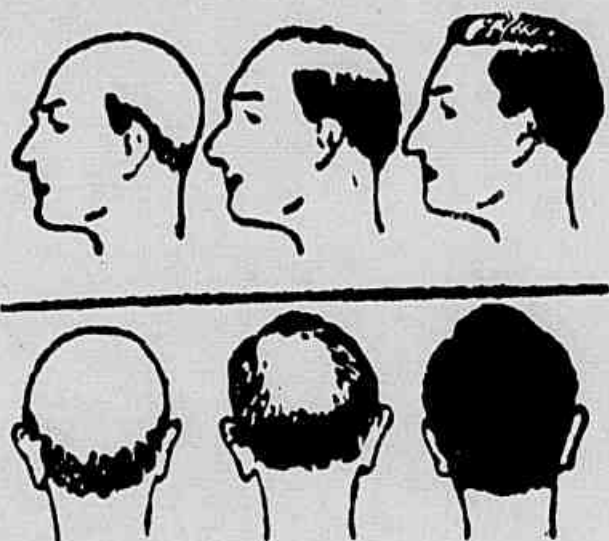
E o Billy Engle? E o Oliver Hardy, no seu passeio pelo Boulevard, solemne, grave, com seus oculos de ouro... E o Henry Bergman — aquelle que fazia o discurso em "Luzes da Cidade" contendo a sua gordura immensa — a fumar os seus infindaveis charutos, olhando a freguezia entrar no seu restaurante — o conhecido "Henry's" do Hollywood Boulevard...

E essa parada toda desfila deante dos olhos curiosos de "fan" que a gente possue.

E as festinhas que os Studios dão... a intimidade que nasce, immediata, entre astros e jornalistas. Ali, se vê, em toda simplicidade, o nome famoso, o idolo das multidões — como foi o caso de Stan Laurel e Oliver Hardy...

E num clima adoravel — com um sol esplendido a dourar todas as cousas, durante o dia... e á noite, um luar de prata — enchendo os valles e as montanhas de uma solidão e um socego que fazem bem á alma... Hollywood é sempre a mesma — encantadora, esplendida — maravilhosa!

Aqui fica —, portanto, meus caros leitores — uma idéa do que tem sido a minha vida de jornalista e — "fan" — nestes doze mezes que vivo, na California.

Hollywood foi feita para nós — para ser sentida e comprehendida pelos verdadeiros "fans..." e essa "maravilhosa Hollywood que eu conheço — é que eu desejava poder levar até junto de vocês todos, como signal de apreço, de agradecimento pelo interesse e apoio que têm dado ás minhas humildes collaborações, escriptas com o coração de "fan" — e especialmente para vocês todos!

Sou pago para não pensar

(Conclusão)

— E o que é preciso ter uma historia para ser interessante?

Elle custou a responder. Mas respondeu e por alguns segundos esqueceu que estava sendo pago para não pensar...

— E' preciso que uma historia tenha caracteres pelos quaes se interesse o publico e preoccupe-se, assim, com o que por acaso lhes succeda. Aprendi isto em companhias itinerantes. Tambem serve para films. Os caracteres precisam ser muito interessantes. Taes como em *Possuida*. Se o caracter não é interessante, artista algum o fará tal. Eu interpretei uma peça, num theatro, peça essa que não chegou a New York. Gostaria de fazel-a em Film. E' *Broken Windows*.

Ahi elle parou. Foi como se despertasse de um sonho. Mudou logo de assumpto. Notei. Perguntei logo, para disfarçar.

— E de polo, como vamos?

— Não jogo mais polo.

— Ah, é verdade, esqueci-me de que seu novo contracto não o permitte, por ser perigoso.

— Isso mesmo... E, segundo parece, pelos papeis que me estão dando, em breve voltarei ao polo...

O que de amargo havia nesse fim de phrase não posso aqui relatar. E terminou tambem ahi minha entrevista. Mas aqui está o sufficiente para julgarem ainda alguma cousa a mais sobre Clark Gable.

A VOLTA DE CLARA BOW

(Conclusão)

Depois de esperar muito tempo, uma Companhia pequena chamou-lhe para dar trabalho num Film. De accordo com os termos do contracto, ella devia ter uma pequena parte, a razão de cinco dollars por dia. Acceitou o que lhe offereceram!

Sem nada saber de maquillagem, ella perdeu uma noite inteira para no dia seguinte apparecer no "set" e o director atirar as mãos para cima em desespero, exclamando: "outra vencedora de concurso de belleza"...

Ella pediu-lhe que a auxiliasse, mas o homem estava frio como defunto. Por fim, depois de muito ouvir a choradeira, e um pouco consternado, consentiu que Clara Bow ficasse no "set" e tomasse parte no Film simplesmente como "extra"...

Feliz e orgulhosa de sua opportunidade, ella ia e vinha, com maquillagem e tudo, pelas ruas, pelos "subways", sem ligar importancia aos transeuntes...

Nos subterraneos, muita gente fazia pilheria. Como podiam elles saber que aquella cara mal pintada, aquelles olhos vivos e tristonhos, aquella cabeça vermelha, escondiam uma alma ambiciosa, poderosa na conquista de um ideal?

A mãe protestava contra o trabalho. O pae aprovava...

Todas as noites ella ensaiava em frente ao espelho, muitas passagens das scenas que vira durante o dia.

O Film ficou prompto, e quando foi apresentado ao publico, o pae de Clara deu-lhe sessenta centavos para que ella fosse com os outros ao Cinema verem o Film. Desde o principio da fita suas amiguinhas não paravam de perguntar em que parte ella apparecia...

E elles esperaram até o fim.

Clara respondia que esperassem...

Quando o Film terminou, Clara chorava de desaponto, e suas amigas estavam attonitas, sem saberem o que dizer.

A parte de Clara tinha sido cortada, consequentemente, ella não apparecia no Film!

Naquella noite, ella correu para casa, e foi seu pae quem consolou sua tristeza.

Assistir o pesar de um coração joven, não é nada agradavel para um homem que vive em Brooklyn. Demais, seu pae tinha outras attribulações. Com suas mãos cheias de callos, elle alisou os cabellos vermelhos da filha, e beijando-lhe a fronte disse-lhe "Eu comprehendo minha filha".

"Eu sei que você comprehende", respondeu Clara, "e creia-me, terei coragem para tudo em consideração a você".

Seu pae olhou em volta do quarto, e disse-lhe tristemente: "Você não pertence a este logar", e vagarosamente: "nem eu tambem"...

Naquella noite o desespero resolveu muita cousa.

Pela manhã Clara ouviu que seu pae estava na cozinha preparando o almoço. Ella vestiu-se e foi fazer-

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES

Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE

Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 36$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.º 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.

GILBERTO SOUTO.

lhe companhia. Depois Clara arranjou-lhe o lunch e durante esse tempo discutiram sobre o problema que os preoccupava.

A mãe, doente como estava, não podia ficar sózinha em casa. Tambem, não podia pedir aos vizinhos que tomassem conta. Ficou, então, decidido, que o pae deixaria o emprego, e ficaria em casa tomando conta da velha, emquanto Clara iria correr os Studios a procura de opportunidade. O pae deixando o trabalho, teria bastante dinheiro para supportar a familia durante dois mezes, emquanto Clara aventurasse...

Durante seis semanas Clara andou de Studio em Studio a procura de trabalho, e cousa alguma arranjou. O que lhe valeu foi sua aprendizagem rudimentar de stenographia, ainda assim, o emprego que arranjou foi dactylographa.

A doença da mãe aggravava-se de dia para dia.

Clara fracassou no emprego.

E as cousas iam de mal a peior...

Foi quando aconteceu uma cousa extraordinaria em sua vida.

Elmer Clifton andava a procura de uma pequena que pudesse causar sensação. Mas, elle não podia recorrer aos grandes productores, offerecendo o principal papel a uma artista que fosse um nome na bilheteria. Assim elle via-se forçado a procurar artistas de talento que quizessem trabalhar com elle a preço razoavel...

Emquanto folheava uma revista, elle viu o retrato de Clara Bow. E mesmo na indecisão de que Clara Bow pudesse tomar a responsabilidade do papel, telephonou-lhe pedindo um apontamento.

Não esqueçamos que durante suas innumeras viagens aos Studios, Clara tinha como resposta de que era muito joven.

Sabendo dessa circumstancia, e encarando a decisão de Clifton marcando-lhe um apontamento, Clara fez o possivel para apparecer em sua frente mais edosa. Arranjou os cabellos de tal fórma a conseguir o effeito desejado.

Quando Clifton viu Clara, e olhou a photographia, disse-lhe: "O papel requer uma moça joven"...

Clara Bow quasi desmaiou, e muito custou-lhe para convencer o director de que ella poderia mostrar-se muito mais joven. Finalmente elle concordou, dizendo-lhe que ella estaria bem para o papel, e seria seu, se... pudesse interpretar.

Foram-lhe offerecidos quarenta dollars por semana. Clara com a sagacidade de um negociante, pediu-lhe cincoenta dollars o que foi acceito. Combinaram tudo, e ainda mais, que Clara pagaria sua passagem de volta se fracassasse no Film.

O Film devia ser feito em New Bedford, Massachusetts, e chamava-se "Rumo ao mar".

Ainda uma creança, Clara Bow trabalhou naquelle Film, como uma heroina, que luta para conseguir um logar decente no mundo! Trabalhou sózinha, e quando voltou para casa estava exhuasta.

E em recompensa de tanto esforço, o Film fez grande successo, mas seu nome despertou pouca attenção.

Certa noite, depois da apresentação do Film, Clara Bow accordou de um somno pesado. A luz da rua fazia uma grande faixa branca no interior do quarto. Com os olhos espavoridos, notou que sua mãe estava com uma expressão extranha.

E poucos minutos foram bastante para comprehender que sua mãe estava completamente louca, fallecendo em poucas semanas de soffrimento.

Solitaria, com o coração amargurado, Clara Bow andava as ruas de Brooklyn sem um destino certo. E passados aquelles dias de dor, seu pae tratou de arranjar as cousas. As condições financeiras de ambos não eram boas, mas, ficou resolvido que Clara Bow embarcaria para Hollywood, emquanto seu pae ficaria em Brooklyn.

Em Hollywood ella sentia a falta da amizade do pae. O pouco dinheiro em pouco desappareceu, e a felicidade custava a chegar...

Depois de poucas semanas a procura de trabalho, sem conseguir successo algum, Clara telegraphou ao pae pedindo dinheiro e a passagem de volta. Mas, o pae, confiante no destino de Clara, arranjou o dinheiro, e em vez de mandar-lhe para que ella voltasse, embarcou tambem para Hollywood!

Os mezes passavam em desespero. Faltavam-lhe trabalho e dinheiro.

Finalmente um dia ella encontrou-se com B. P. Shulberi que era productor independente naquelle tempo. Contractou-a, e logo a seguir deu-lhe o principal papel no Film "Provocação de Amor". Foi o principio de sua carreira. Ficou famosa, e o resto de sua vida é uma historia de Cinema vivida na tela. Elinor Glynn viu o seu trabalho e expressou a opinião de que Clara Bow possuia alguma cousa sem definição, que muito caracterizava sua personalidade abrazadora. Dahi a denominação de "it". E para provar sua fé em Clara, escreveu uma historia com esse titulo, que foi o bastante para estabilizar sua vida artistica.

Seu ultimo Film provou que Clara Bow era uma artista de elevadas qualidades. Em Films mediocres, a personalidade de Clara sempre foi transcendente.

Seu triumpho terminou em divorcio para o Cinema, e um casamento feliz com Rex Bell.

As offertas não pararam de chegar ás suas mãos.

Finalmente, ella foi persuadida de fazer parte da Fox, Filmando "Call Her Savage".

Clara Bow espera fazer ainda mais seis Films. Depois... depois desistirá definitivamente do Cinema, e retirar-se-á para o rancho de um milhão de acres, onde a maquillagem ficará esquecida completamente, e as unicas estrellas visiveis excepto sua pessoa, serão aquellas que brilham na immensa abbobada celeste...

IRENE...

(F I M)

Um Film de Miss Purcell não faz mal a ninguem e é só delicia para muitos "fans"... Ella é uma artistazinha interessante demais para o **gato comer**, isto é — desapparecer da circulação, cahir no esquecimento ou voltar para o palco, tendo uma personalidade tão cheia de attractivos para a camera. Mas sabe-se lá explicar os mysterios da montanha russa da fama... Uma **tinta** de colorido tão fascinante como Rita la Roy não passa de **pontas** em tantos Films... Caretas como as de Lionel Barrymorre são tidas como alta expressão de Arte, por varios conselheiros...

Irene Purcell é deliciosa como Norminha Shearer quando faz comedia. Já foi desinteressante, é verdade, mas quem haveria de dizer que a desgraciosa ingenua Maureen O' Sullivan, viria a ser a adoravel **brunette** que é hoje nos Films? E Irene hoje está uma feia... adoravelmente encantadora, **and how**! Por isto não seria mal uma nova **chance** para esta figurinha tão agradavel, maliciosa e interessante como um imprevisto de Lubitsch...

Por falar em Lubitsch — se o **principe dos directores** quizesse usal-a num Film seu, estava feita a pequena! E bem merecia esta **sorte grande** a originalissima Irene Purcell dos olhos electricos e inconfundiveis!

PEQUENA ENTREVISTA COM BEATRIZ COSTA

(Continuação)

Faltava falar mais vagarosamente sobre a carreira da interprete de "A Minha Noite de Nupcias". E á noite, no seu camarim do Theatro Sá da Bandeira, a nossa palestra continúa, emquanto ella aguarda o momento de entrar em scena vestida de garoto, com uns buraquinhos no fato a mostrar uns pedacitos descobertos do seu corpo.

— A sua carreira theatral — inquiri-lhe eu.

— Comecei como corista aos quinze annos. A minha estréa como artista fez-se no Brasil em "O Fado Corrido" em 1924 mais ou menos e onde trabalhei cerca de um anno. Nutro a maior sympathia pelo publico brasileiro, emprehendedor e gentil. Devo dizer-lhe mesmo que tenho lá amigos que não esquecerei facilmente. Além de Adhemar Gonzaga, contam-se Catulio da Paixão Cearense que me dedicou uns versos apreciaveis, Procopio Ferreira, Carlos Rubens, Lafayette Silva, Mario Nunes, João de Deus, Machado Florence e Henrique Salvio, um pintor-decorador mui distincto.

—Você esteve para ser interprete dum Film brasileiro?

— Com effeito, em "Labios sem Beijos" e muito prazer teria nisso mas motivos imprevistos forçaram-me a voltar a Portugal com a Companhia de que eu fazia parte e o contracto foi annulado.

(Termina no proximo numero)

A "ESTRELLA" DE 1933...

(CONTINUAÇÃO)

Deverá ser uma artista consummada, além disso, para que dessa fórma comsiga o effeito que queira deante de qualquer platéa.

— Deve ser intelligente. Pequenas incultas e duras de cerebro conseguem bem pouco successo. Tiradas certas cousas peculiares ás imperfeições e aos exaggeros, ousaria affirmar que espero melhor sentimento, para representar, de uma dansarina de aluguel do que de uma pequena formada e educada em collegio de classe. O contacto com a vida ensina muita cousa. A experiencia de uma pequena que soffreu vale muito mais do que a de uma que sahiu do conforto.

— Experiencia — principalmente experiencia de palco — é uma cousa vitalmente necessaria. E' uma experiencia de muito valor. Hollywood hoje está dando mão forte a pequenas de mais idade. As novas são mui to problematicas...

Se a mocidade nos vier com sufficiente experiencia de representar, queremos e preferimos a mocidade, porque ella ainda é a attração maior do mundo. Dezenove annos, para mim, é a idade ideal para uma mulher vencer como "estrella" de Cinema. Já não é ella uma mulher tão creança e nem tanto mulher. E' justamente o meio termo que eu aprecio.

— Outra cousa que precisa saber a pequena que quizer vencer em 1933, é que ella precisa ter muita vontade de trabalhar. Hollywood deixou de ser parque de diverções!

(Continúa no proximo numero)

COMMISSÃO DE CENSURA CINEMATOGRAPHICA

(F I M)

O Doutor X — Trailer — First National Pictures U. S. A. — Certif. n. 658 — Improprio para menores — Approvado.

Ladrão romantico — Drama — Warner Bros U. S. A. — Certif. n. 659 — Improprio para menores — Approvado.

Folguedos de peixes — Desenho animado — Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n. 660 — Approvado.

O gorila — Desenho animado — Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n. 661 — Approvado.

O homem poderoso — Trailer — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Certif. n. 662 — Approvado.

Metrotone News n. 161 — Jornal — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Certif. n. 663 — Film educativo.

Piratas á solta — Drama — Fox Film Corporation U. S. A. — Certif. n. 664 — Improprio para creanças — Approvado.

THE TELEGRAPH TRAIL (Warner) — A historia de como esticou-se o telegrapho de Norte a Sul do Paiz. Ataques de indios, etc.. John Wayne, no papel de um heroico e audacioso soldado da lei, esplendido. Frank Mc Hugh e Oris Harlan, fornecem a comedia e Marceline Day o elemento amoroso. Proprio para creanças. Tenny Wright dirigiu.

RASPUTIN

(Conclusão)

E aquella estrella famosa, dominadora de multidões, estava ali ao meu lado; sorrindo, conversando e recebendo a "Cinearte" com a sua maneira mais distincta e mais sympathica.

Falo-lhe do interesse meu pelo Film, principalmente pela reunião dos tres Ethel me diz — "Estou bem contente de trabalhar ao lado dos meus irmãos. Ha muitos annos, que estavamos separados. A ultima vez que trabalhamos juntos no theatro foi na peça "Alice sit by the Fire. Agora, o Cinema nos deu a opportunidade sonhada de vivermos juntos, um ao lado dos outros. Nossas familias não se podem separar mais...

Digo-lhe que seu nome é conhecido no Brasil... Ethel me diz então:

"Com franqueza lhe digo que gostaria immenso de lavar uma companhia á America do Sul. Sei que no Rio de Janeiro e em Buenos-Aires ha platéas intelligentes e grandes theatros. "Num aparte, lhe falo da belleza do nosso Municipal. Ethel responde:

"Sim, conheço. Já vi photographias e tenho idéa perfeita das condições em seu paiz como na Argentina. Pois estou lhe dizendo que tive planos de ir á America do Sul com um repertorio para uma temporada. Eu bem sei como as companhias francezas e italianas são recebidas lá. Gostaria, portanto, de tambem levar uma americana, com repertorio inglez. E, assim o fazendo, teria a opportunidade de conhecer esses dois paizes. Tenho, em New York, muitos amigos e todos me falam da America do Sul, com palavras de elogio. Durante a palestra, affirmo-lhe que muita gente está á espera de "Rasputin" tambem para rever a Ethel Barrymore dos Films silenciosos.

Ella me olha e diz, fazendo um gesto com as mãos... "Oh, não recorde esses Films! Ha mais de doze annos appareci em alguns delles. Mas, foram horriveis!"

Realmente, os bons "fans" se recordam de algumas das producções que Ethel posou, durante a sua curta apparição deante das lentes de Hollywood. Alguns delles foram — "Rouxinal do Norte. Uma Viuva Americana e A Divorciada", todos feitos sob a bandeira da velha Metro... Vocês se lembram, "fans"?

Conversamos ainda durante alguns minutos. Ethel diz-me que espere para ver algumas scenas.

"Não ha muito que ver, hoje. Volte para outra occasião, quando Filmarmos dentro da sala do throno. Mas; fique aqui e aprecie o que vamos fazer, agora".

Retiro-me para um canto do palco e fico apreciando. Uma scena curta, mas interessante. Diane Wynard, typo de belleza maravilhoso, representa uma das aias de Ethel. Ella é Natacha, a que conhecia "Rasputin" e é quem o leva á côrte. Está linda na sua toilette azul celeste e seus cabellos louros são ainda mais lindos!

E em torno de Richard Boleslavsky se juntam varios technicos. O scenarista do Film, Charles Mac Arthur, que na vida real, é o marido de Helena Hayes; o general russo, assistente technico da Filmagem. Cameramen, assistentes, um mundo de cerebros empenhados na direcção e realização dessa obra de valor.

Por entre os recantos da Filmagem vejo outras figuras conhecidas... Não pude deixar de rir. Sabem a quem vi?

Henry Armetta! Fiquei imaginando logo o que elle poderia fazer ali, naquella montagem russa. Ao seu lado, está Luiz Alberni, outro typo muito conhecido dos "fans". Alberni é o photographo da côrte e, creio, Armetta é o seu auxiliar.

Ambos fornecem a nota comica — tentando photographar a familia real, numa scena curta e rapida. Mas... sem typos como Alberni e Armetta muitos Films não seriam tolerados. Ás vezes, a nota comica vem ajudar, augmentar o interesse e dispor melhor o espirito da platéa para uma nova sequencia.

"Rasputin é, segundo li e me affirmaram, o mais possivel uma replica da vida da côrte dos desgraçados soberanos da Russia. O "livro de ouro" da nobreza e o cerimonial authentico da côrte estão de posse de um russo imigrado, residente de Hollywood. Nelle os directores do Film foram buscar detalhes, notas authenticidade para a reproducção das scenas desenroladas na sala do throno, na cathedral. Todas as cerimonias são reproduzidas nas scenas de "Rasputin," obedecendo; á verdade.

No Film apparecem os palacios de Inverno, o Tsarkoe Selo, a cathedral, o Kremlim famoso e conhecido, e outros logares que se prendem aos factos desenrolados na vida tragica da familia imperial.

Joias, diademas, o sceptro e a corôa, vestidos e decorações, medalhas e uniformes — tudo foi desenhado e inspirado em modelos authenticos, muitos dos quaes custou a Metro muito dinheiro para conseguir. E' sabido que, depois da revolução, objectos de arte e tudo quanto dizia de perto á familia soberana foi destruido.

Nas scenas da cathedral — a que assisti, uma dellas é impressionante. A sequencia reproduz a grande missa, commemorativa dos trezentos annos da dynastia dos Romanoff, no throno de todas as Russias. A formação dos pares na immensa montagem, o Metropolitano, de barbas longas e ar de patriarcha, vivido pelo nosso muito conhecido Nigel Brulier; o coro, greco-ortodoxo, cantando os mesmos hymnos... A mesma musica, a mesma reproduzida como por effeito de magia!

No "set" quasi um milhar de pessoas se comprimia dando colorido e belleza a esta scena. Ethel Barrymore, trajando a toilette de czarina, dominava com o seu porte altivo, orgulhoso. O pequenino czaravitsch estava mais contente do que nunca no seu uniforme. Ralph Morgan trazia no olhar a mesma expressão de tristeza que nunca abandonou o soberano da Russia. E as aias, os duques e principes, os nobres, os diplomatas — a cerimonia tinha qualquer cousa de magestosa e verdadeira. Só esta scena traz ao Film uma importancia extraordinaria! O homem que a dirige, Boleslavsky, póde sentir-se orgulhoso da sua tarefa.

Elle vae ficar no Cinema. Tem qualidades e, vendo neste grande Film a sua opportunidade, a ella se agarrou Trabalha com vontade, procura cercar-se de todos os elementos bons e que são parte da cadeia de perfeições que todo Film sempre offerece. Tem estudado muito, visto muito — procurado enfronhar-se nos segredos do Cinema e — elle vae vencer pois para isso tem qualidades e merito.

Dissemos que para a confecção deste Film, o Studio recorreu a livros e obras sobre a ultima dynastia que dominou o throno da Russia — mas que melhor idéa sobre os soberanos e a vida da familia imperial do que os jornaes Cinematographicos dessa época. Consultando os "news reels" — poude a direcção do Film vêr, examinar, sentir os caracteres que, agora, estão, revivendo deante das cameras de Hollywood. Varios instantaneos do czar e da sua familia — copia de vestidos e logares publicos da capital — detalhes e factos foram rigorosamente copiados pelos architectos do Studio, pelos costureiros e pelos "make-up men". Uma photographia authentica, que mostra a familia imperial, em conjuncto foi, admiravelmente, reproduzida numa scena do Film. O principe, os soberanos, as princezas — com roupas que são uma replica perfeita dos trajes usados pelos desgraçados membros da familia imperial, naquelle dia — dia em que nem de leve suspeitavam que destino tragico lhes estava reservado.

Outro detalhe curioso succedeu numa Filmagem, levada a effeito dentro da magestosa cathedral.

Um mundo de extras se espalhava pelo palco. Um delles, de repente, começa a falar com outros. O grupo augmenta e o tumulto se espelha pela montagem, chamando a attenção de um assistente.

Tudo fora motivado pela presença num dos muros da egreja de varios "ikons", imagens de santos e sagradas que não podem apparecer em logar algum, senão dentro do recinto consagrado ao culto.

Os extras acreditaram, por um momento, que os "ikons" eram verdadeiros e talvez, tivessem sido cedidos por uma egreja de Hollywood. Aquillo para elles era uma profanação... Mas, um assistente, acalmando-os, mostrou-lhes de perto os "ikons" — simples pedaços de madeira de pinho, pintados e trabalhados em metal, tal qual os authenticos e venerados nas egrejas russas...

E, assim, este Film que já entrou no seu terceiro mez de Filmagem, se preparava para ser lançado, talvez nas proximidades, do Natal — ao publico da America.

Agora, resta aos leitores, bons "fans" de Cinema, esperar pela exhibição de "Rasputin," sobre cuja estréa e meritos escreverei, logo que o vir na tela de um destes palacios, destinados á exhibição das obras primas da Arte das Imagens!

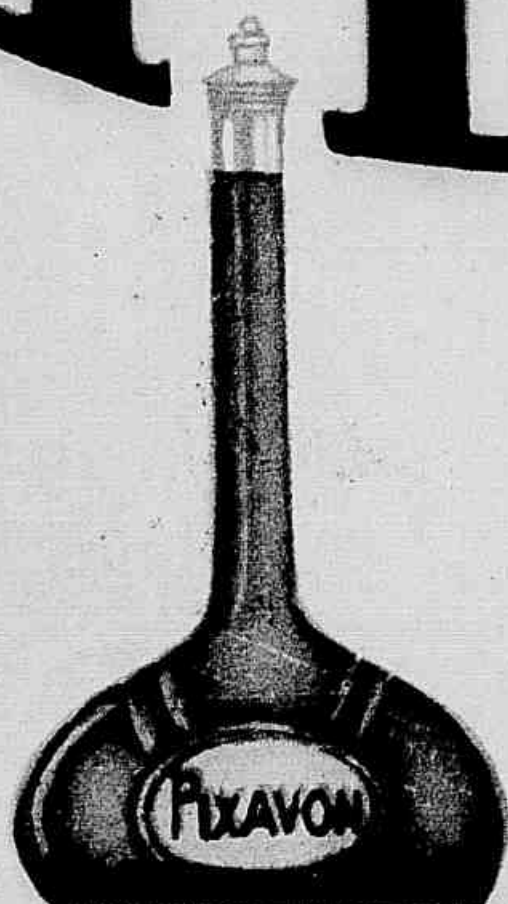
Exoticas artificiaes

(F I M)

não affirme ser ella uma exotica apenas na apparencia e, intimamente uma boa pequena, apenas...

Gwili André começa bem sua carreira exotica. Ainda mais mysteriosa do que a propria Greta Garbo... Para Greta Garbo construiram um passado exquisito e romantico. Gwili nem isso tem. E bem por causa disso ainda se torna mais intrigante, porque todo mundo ainda imagina, para ella, cousa muito peor. Foi apresentada ao publico como heroina de Richard Dix em THE ROAR OF THE DRAGON. Lembram-se que Marlene tambem assim o foi, como heroina de Gary Cooper em MARROCOS?...

E ahi estão algumas observações em torno das exoticas artificiaes do Cinema.

MODA E BORDADO

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON